



Raízes do Brasil. 70 anos interpretando o Brasil

Editorial

Há setenta anos, era publicada a primeira edição do livro *Raízes do Brasil*. Juntamente com a obra de Gilberto Freyre e Caio Prado Júnior, o livro de Sérgio Buarque de Holanda interpreta o Brasil procurando torná-lo inteligível para os brasileiros.

Na Unisinos, há quatro anos que se realiza o Ciclo de Estudos sobre o Brasil, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU - em parceria com diversos cursos de graduação e pós-graduação. Uma nova edição, em 2007, será realizada. Assim, dedicar o tema de capa da *IHU On-Line* desta semana aos 70 anos desta obra que “explica” o Brasil é mais do que pertinente. A Prof.^a Dr.^a Angela Mendes de Almeida, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, constata que “para muitos estudiosos e historiadores, tais livros estão ultrapassados, isso se dá porque essa parcela da intelectualidade faz do Brasil uma interpretação otimista, crê essencialmente na sua pujança e modernidade, modernidade essa, aliás, que se manifesta no próprio fato de que, seguindo certas tendências mundiais, desprezam as grandes narrativas e concentram-se em estudos especializados”.

Não se trata do nosso caso. Embora tratemos de temas muito específicos, com um centro definido, consideramos que as grandes narrativas, tendo em conta a sua complexidade, são importantes para compreender melhor quem somos. A sua leitura e estudo nos ajudam, como afirma o Prof. Dr. Robert Wegner, da Fundação Oswaldo Cruz do Rio de Janeiro, “a pensar nossos dilemas e o que queremos ser, que projeto queremos”.

Raízes do Brasil, além dos nomes supracitados, é debatida, nesta edição, pelo Prof. Dr. Edgar Salvadori de Decca, da Unicamp, Prof.^a Dr.^a Maria Odila Dias, ex-aluna de Sérgio Buarque de Holanda, professora na PUC-SP, Prof. Dr. Aleksandar Jovanovic, da USP, Prof.^a Dr.^a Maria José de Rezende, da UEL, Prof. Dr. Mauro José Gaglietti, da UPF, Prof.^a Dr.^a Eliane Fleck, da Unisinos, e Prof. Dr. Ronaldo Vainfas.

Ainda nesta edição, a Prof.^a Dr.^a Berenice Corsetti, do PPG de Educação da Unisinos, fala sobre o clássico *Capitalismo e escravidão no Brasil Meridional: o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul* de Fernando Henrique Cardoso. O livro será apresentado e debatido no Ciclo de Estudos sobre a Formação Social Rio-Grandense pela Prof.^a Dr.^a Helga Piccolo, da UFRGS,

nesta quinta-feira.

Paulo Roberto Martins, sociólogo, pesquisador do Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT) de São Paulo, analisa o Programa Nano Brasil, que segundo ele, está sendo conduzido “sem nenhum controle social”. Nesta quarta-feira, ele debaterá o tema *A nanotecnologia e o impacto na sociedade*, aqui na Unisinos. Aliás, este é um tema que foi abordado na edição n.º 200 da revista.

Os cupins e as formigas são insetos “eussociais”, afirma a Prof.^a Dr.^a Elena Diehl, professora na Unisinos, na entrevista que publicamos nesta edição. Ela debaterá o tema nesta quinta-feira no IHU Idéias.

A todas e todos uma ótima semana e uma excelente leitura!

Leia nesta edição

PÁGINA 01 | Editorial

A. Tema de capa

» ENTREVISTAS

PÁGINA 04 | Edgar de Decca: “O homem cordial morreu ou, talvez nunca tenha existido”

PÁGINA 06 | Maria Odila Leite da Silva Dias: “Raízes do Brasil é um livro atual, que permanece conosco”

PÁGINA 09 | Robert Wegner: Raízes do Brasil: uma obra aberta que convida para o diálogo

PÁGINA 11 | Angela Mendes de Almeida: Um mapa da vida mental e ideológica do Brasil

PÁGINA 15 | Aleksandar Jovanovic: Buarque de Holanda para entender a crise social e a política brasileira

PÁGINA 18 | Maria José de Rezende: “Toda releitura se dá em razão da vivência, dos desafios e dos problemas atuais”

PÁGINA 21 | Mauro Gaglietti: Reconstrução de fragmentos

PÁGINA 23 | Eliane Fleck: A psicologia do povo brasileiro

PÁGINA 28 | Ronaldo Vainfas: Um ensaio sobre a nossa história

B. Destaques da semana

» MEMÓRIA

PÁGINA 30 | Milton Friedman (1912-2006)

» ARTIGO DA SEMANA

PÁGINA 31 | Cesar Sanson: Uma análise do sítio do IHU

PÁGINA 33 | » FILME DA SEMANA

PÁGINA 36 | » FRASES DA SEMANA

PÁGINA 37 | » DESTAQUES ON-LINE

C. IHU em Revista

» EVENTOS

PÁGINA 39 | Paulo Roberto Martins: Nanotecnologia no Brasil sem qualquer controle social

PÁGINA 42 | Berenice Corsetti: Capitalismo e escravidão no Brasil Meridional

PÁGINA 47 | Elena Diehl: Cupins e formigas são “eussociais”

PÁGINA 50 | José Roberto Goldim: A saúde como um negócio

PÁGINA 53 | Valério Cruz Brittos: O fazer comunicação

PÁGINA 55 | Sala de Leitura

PÁGINA 56 | IHU Repórter

“O homem cordial morreu ou, talvez nunca tenha existido”

ENTREVISTA COM EDGAR DE DECCA

Edgar Salvadori de Decca, doutor em História Social pela Universidade de São Paulo, é professor titular da Universidade Estadual de Campinas, onde é Pró-Reitor de Graduação. Publicou 25 artigos em periódicos especializados e 40 trabalhos em anais de eventos. Possui 36 capítulos de livros e 9 livros publicados, entre os quais citamos O Nascimento das Fábricas. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996 e O Silêncio dos Vencidos. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1997. Confira, a seguir, a entrevista que ele concedeu, por e-mail, para a revista IHU On-Line sobre a obra principal de Sérgio Buarque de Holanda.

IHU On-Line - Qual é a atualidade da obra *Raízes do Brasil* para compreender nossa nação no século XXI?

Edgar de Decca - *Raízes do Brasil* ainda permanece muito atual para a compreensão da sociedade brasileira, muito embora isso contrarie a própria perspectiva de Sérgio Buarque de Holanda. Segundo o autor, os elementos tradicionais da sociedade brasileira, como o paternalismo, o personalismo, a falta de delimitação da esfera privada com a esfera pública, oriundos de um passado escravista, seriam superados por uma revolução que teria iniciado com fim da escravidão.

Evidentemente, precisamos reexaminar o conjunto da obra para melhor compreendê-la hoje. A melhor maneira de fazer isso não é transformá-la em algo intocável, mesmo porque a historiografia das últimas décadas contribuiu para o reexame de diversas questões apontadas por Sérgio Buarque. Há, no entanto, uma questão que é pouco discutida e que ainda hoje permanece polêmica. Em *Raízes*, Sérgio Buarque nos aponta os caminhos da exclusão social no Brasil e, ao mesmo tempo, as pretensões políticas daqueles que pretendem a incorporação na sociedade dos setores excluídos. Sérgio percebe claramente que esses projetos políticos de incorporação dos excluídos teriam as características dos discursos de direita e de esquerda,

mas com uma marca comum: a do populismo e do personalismo. Se, por um lado, ele acertou na previsão do populismo de direita de Getúlio Vargas, ele não chegou a presenciar o que iria acontecer no futuro com o populismo de esquerda, com o lulismo. O mais irônico disso tudo é que o próprio Sérgio presenciou e assinou o documento de criação do PT, por acreditar que estava se engajando numa posição de esquerda democrática antipopulista. Apesar de não ter vivido essa experiência, Sérgio Buarque soube perceber a marca do populismo de esquerda na política dos comunistas da década de trinta.

IHU On-Line - Que elementos dessa obra permanecem atuais em nossa sociedade?

Edgar de Decca - Se formos nos colocar na perspectiva de uma obra que problematiza as relações do público e do privado no Brasil, então a atualidade de *Raízes* é acachapante. Na obra de Sérgio, há toda uma crítica ao modo como no Brasil a esfera pública é utilizada em favor da esfera privada. No entanto, essa análise de Sérgio Buarque só havia sido aplicada no que se refere à atuação das elites dominantes do império e da República e no modo como o mais comum dos brasileiros aprendeu, ao exemplo das elites, a famosa lei do Gerson, de querer tirar vantagem de tudo. Mal sabia Sérgio Buarque que esse comportamento promíscuo entre a esfera pública e

a esfera privada seria a marca do governo do Partido dos Trabalhadores, quando a elite do sindicalismo chegou ao governo. Essa investida de uma elite sindical no aparelho do Estado demonstra historicamente um modo inédito de apropriação privada da esfera pública, desta vez realizada por uma elite sindical. Desse modo, a obra de Sérgio nos faz pensar sobre a alternância muito rápida das elites do poder. Basta analisarmos as elites que estiveram no poder no Brasil, desde o Império até os nossos dias, para termos um diagnóstico de longo alcance. De elites aristocráticas do Império às elites sindicais do lulismo, no entanto, o comportamento é sempre o mesmo, a promiscuidade entre a esfera privada e a esfera pública. Hoje, por ironia, esse comportamento ainda vem travestido de um populismo de esquerda. A sociedade brasileira paga um alto preço político pela tardia inclusão dos excluídos na esfera pública da cidadania. Esse processo, porém, além de inevitável, é irreversível.

IHU On-Line - Como o senhor interpreta o conceito de homem cordial? Transpondo essa problemática para nossos dias, haveria um paralelo do homem cordial com o brasileiro contemporâneo?

Edgar de Decca - Lendo atentamente, hoje em dia, *Raízes do Brasil*, acho que o homem cordial morreu ou, talvez, nunca tenha existido. Quem sabe seja o maior dos mitos criados por essa obra de Sérgio Buarque: de que o brasileiro age movido mais pelo coração do que pela razão. Como se a espontaneidade fosse algo internalizado em todos nós. Acho que Sérgio Buarque pretendeu apaziguar um pouco o peso da dominação e da exclusão social no Brasil, deixando margem para que nos vejamos como personalidades mais condescendentes com o racismo, com a violência, com a desigualdade, porque no final da história, ricos e pobres, brancos e negros, poderão se entender e se abraçar em volta de uma roda de samba. A cordialidade é uma máscara que ainda utilizamos para esconder as nossas formas de dominação

e de exclusão. Ao contrário do que lemos em Sérgio Buarque, o brasileiro não é cordial, no sentido de que ele age segundo o seu coração e as suas emoções. A violência, a apropriação privada dos bens públicos não são movidas pela cordialidade, mas pelo interesse, por motivações racionais, mesmo que elas sejam inapreensíveis por muitos de nós. A violência urbana é um exemplo disso tudo, do mesmo modo como as elites se imiscuem nas esferas do poder, para se apropriarem de *benesses* da política.

IHU On-Line - Sérgio Buarque de Holanda criticava o conceito de uma identidade nacional permanente ou fixa. Como isso se deu no período do Estado Novo?

Edgar de Decca - Todo sistema político autoritário e ainda mais o Estado Novo, que pretendia tornar-se totalitário, pretende instituir uma identidade fixa. Isso é próprio de ideologias xenófobas e racistas. Aconteceu no Brasil, ao mesmo tempo em que o fascismo cresceu na Alemanha, na Itália, na Espanha, em Portugal e na Argentina. A identidade fixa é um outro mito criado pelo Estado Nacional. Não se sustenta, nem sob o prisma da raça, como se pretendeu na Alemanha, nem no suporte de costumes e hábitos, nem sob o prisma da língua. No caso do Estado Novo, pretendeu-se combinar os elementos da tradição e dos costumes com o da língua. O fracasso do projeto político estadonovista foi retumbante e ainda bem que foi assim. Uma sociedade é formada por múltiplas identidades e o reconhecimento do outro como diferença é um aprendizado difícil de cidadania e nem sempre caminhamos para um mundo mais harmonioso. Os dias de hoje são muito instrutivos para pensarmos a diferença e ao mesmo tempo a intolerância sob o prisma das múltiplas identidades culturais, étnicas, religiosas, sexuais. O desafio contemporâneo é justamente o de que todas essas identidades têm que conviver no conflituoso território político dos estados nacionais. Acho que a obra de Sérgio Buarque permite pensarmos essa cidadania

múltipla. Mas aqui devo fazer um comentário, que vai frustrar muita gente. O livro *Raízes* que está fazendo 70 anos em 2006 não é o mesmo que foi publicado em 1936. Ele sofreu muitas alterações, algumas delas de ordem estilísticas, mas também alterações que modificam a apreensão das questões levantadas sobre a identidade nacional. Infelizmente, a primeira edição do livro *Raízes* não está disponível e apenas temos acesso a ela por algumas bibliotecas brasileiras. Na primeira edição, logo

na abertura do livro, Sérgio Buarque assume a posição de um estrangeiro que, na Alemanha, no período da ascensão do nazismo, ao contrário do texto que hoje está divulgado, procura entender a questão da identidade sob o prisma do *desterro*, a identidade em sua mobilidade, flexibilidade e incerteza. Esse tema é central na primeira edição da obra, mas ficou perdido na edição que hoje conhecemos. Tivemos, sem dúvida, uma perda com o passar dos anos.

“Raízes do Brasil é um livro atual, que permanece conosco”

ENTREVISTA COM MARIA ODILA LEITE DA SILVA DIAS

A historiadora Maria Odila Dias foi aluna de Sérgio Buarque de Holanda e trabalhou com ele na faculdade. Ela aceitou conceder uma entrevista para a IHU On-Line por telefone, falando sobre o livro Raízes do Brasil, tema de capa da edição desta semana. Maria Odila é mestre em História Social, doutora e pós-doutora em História Social pela USP. Atualmente é professora na PUC-SP e professora titular aposentada da USP. Entre seus livros publicados citamos Quotidiano e Poder. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995 e A interiorização da metrópole e outros estudos. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2005. É dela também a introdução ao livro Raízes do Brasil, publicado na coleção Intérpretes do Brasil, coordenada e prefaciada por Silviano Santiago e publicada pela Editora Nova Aguilar, em três volumes, em 2000. A introdução de Maria Odila Leite da Silva Dias, originalmente intitulado “Negação das negações” está nas páginas 901-928. Aí também pode ser consultada uma ampla bibliografia selecionada de e sobre Sérgio Buarque de Holanda.

IHU On-Line - Como podemos fazer uma releitura do livro *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, hoje? O que significa reler essa obra nos dias atuais?

Maria Odila Dias - Esse é um livro ainda bastante atual, porque trata de muitos impasses. *Raízes do Brasil* fala sobre as brigas do professor Sérgio com os modernistas e com os intérpretes do Brasil na época dele, ou com o impasse da sociedade brasileira diante de problemas que

não se consegue superar. Talvez esse seja um dos pontos que chame mais nossa atenção na obra hoje.

IHU On-Line - Quais os limites da obra? E quais as principais polêmicas do livro?

Maria Odila Dias - Os limites se dão no sentido da contextualização, da época em que o livro foi escrito dos problemas do caminho que levou o historiador até a elaboração do trabalho. Toda obra tem a sua época. Um

livro escrito em 1936 é sempre diferente de um livro escrito em 2006, ainda mais sobre o Brasil. Como se trata de um ensaio importante e que volta para o passado, ***Raízes do Brasil*** é um livro que permanece conosco. Mas ele suscitou polêmica, sobretudo, quanto ao homem cordial, que foi mal-entendido na época. O professor Sérgio irritava-se muito, lembrando do capítulo “homem cordial”, pela incompreensão do conceito na sua época.

IHU On-Line - Como podemos retomar o conceito de “homem cordial” nos dias de hoje? Quem é o homem cordial contemporâneo? É o mesmo descrito por Buarque de Holanda?

Maria Odila Dias - O professor Sérgio entendia por homem cordial a dificuldade de institucionalização que nós tínhamos. A política ficava sempre no âmbito das famílias, dos interesses, das facções, e o homem cordial era aquele que decidia não na câmara dos deputados, mas nos corredores da corte, negociando, fazendo compromissos com os opositores, nesse tipo de política de bastidor. O homem cordial seria aquele que procura sempre os seus interesses e que pode, inclusive, mandar matar a pessoa com a qual ele se entende com toda cordialidade. Era essa a figura que Sérgio Buarque elegeu para mostrar a corrupção que existia na política e que ele interpretava como um fenômeno histórico. E hoje temos uma corrupção no mundo globalizado.

IHU On-Line - A senhora pode falar sobre a crítica ao processo elitista de formação da nacionalidade que aparece em ***Raízes do Brasil***?

Maria Odila Dias - Essa é talvez uma das mensagens mais fortes do livro: mostrar o limite do projeto do Estado-Nação elitista e o problema da cidadania, que hoje é tão importante para nós e que continua pendente, em impasse. Ele critica muito as gerações que o antecederam e a sua, a do Estado Novo, por essa idéia autoritária de uma identidade fixa nacional. Ele dizia que esse era um processo histórico sempre em aberto,

nunca determinado e que esse projeto elitista forjava uma idéia muito autoritária de identidade nacional que não correspondia à pluralidade e às diferenças do Brasil na época. Esse é um dos pontos mais interessantes de ***Raízes do Brasil***.

IHU On-Line - Sérgio Buarque de Holanda criticava o conceito de uma identidade nacional permanente ou fixa. Como isso se deu no período do Estado Novo?

Maria Odila Dias - É justamente em oposição às políticas do Estado Novo que ele se coloca. Sérgio Buarque se volta para um processo histórico, mostrando o contraste entre a ideologia nacionalista e esse processo histórico que vai identificando e reidentificando o País ao longo do tempo. Ele enfatiza a formação, o processo de formação dessa identidade nacional como algo muito diferente da ideologia nacionalista que estava na moda na época em que ele escreveu ***Raízes do Brasil***.

IHU On-Line - Que tipo de sociedade é descrita por Buarque de Holanda e o que ela tem a ver com a sociedade brasileira atual?

Maria Odila Dias - Talvez o ponto mais próximo que temos, e que é o gancho último de ***Raízes do Brasil***, aponta o fenômeno da urbanização, que estava começando em 1936, mas que só vai fazer sentido na década de 1950. Ele critica a sociedade familiar, elitista, de interesses privados, em uma confusão entre o público e o privado. Sérgio Buarque acena para o fenômeno da urbanização como a possibilidade de superar aquele tipo de sociedade da república velha. E superar aqui seria no sentido de que a urbanização modificaria aquela política, que não conseguiria sobreviver num País com urbanização. Hoje nós temos outro mundo, mas ainda há resquícios disso.

IHU On-Line - A senhora discorda de que existam vinculações entre ***Raízes do Brasil*** e os modelos

teóricos weberianos. Pode explicar sua posição?

Maria Odila Dias - Obviamente que Max Weber¹ estava presente no trabalho do professor Sérgio. Eu quero dizer que ele já tinha se encontrado como historiador nessa época e que, quando ele usa o tipo ideal do Max Weber, ele sempre está dizendo que se trata de uma ferramenta do historiador e que, na verdade, o tipo ideal não existe na sua abstração. Uma abstração é uma ferramenta, um modo de olhar do pesquisador. Mas eu digo isso porque o livro do professor Sérgio já tinha enveredado por um caminho que não é estritamente o caminho weberiano. Ele tinha descoberto a história, a historicidade

¹ Maximillion Weber (1864-1920): sociólogo alemão, considerado um dos fundadores da Sociologia. *Ética protestante e o espírito do capitalismo* é uma das suas mais conhecidas e importantes obras. A edição brasileira mais recente foi publicada em 2004, pela Companhia das Letras, Rio de Janeiro. Com o título *Max Weber: a ética protestante e o "espírito" do capitalismo*. Cem anos depois, a *IHU On-Line* dedicou-lhe a sua 101ª edição, de 17-05-2004. De Max Weber o IHU publicou o *Cadernos IHU em Formação* n° 3, 2005, chamado *Max Weber - o espírito do capitalismo*. Em 10 de novembro de 2005, o professor Antônio Flávio Pierucci ministrou a conferência de encerramento do I Ciclo de Estudos *Repensando os Clássicos da Economia*, promovido pelo IHU, intitulada *Relações e implicações da ética protestante para o capitalismo*. (Nota da *IHU On-Line*)

principalmente, esse conceito que tinha uma conotação muito forte na época dele, de crítica. As teorias abstratas e as críticas a elas, ressaltando sempre a movimentação e os ritmos do tempo na história, as mudanças, o vir a ser, são coisas que ele já tinha antes de ir para a Alemanha, mas que ficaram mais claras depois do período em que ele conviveu com outras figuras da época. É mais uma questão da sensibilidade do historiador e do modo de ele trabalhar, criticando a fixidez de conceitos muito abstratos.

***IHU On-Line* - A senhora foi discípula de Sérgio Buarque. Como foi o convívio com ele?**

Maria Odila Dias - Fui aluna dele e depois trabalhei com ele na faculdade. O convívio foi de bastante amizade. Ele tinha uma personalidade muito interessante. Era um homem bem-humorado, muito engraçado, cheio de irreverência. Era o pai do Chico, uma figura. Lembro-me sempre da memória estupenda que o professor Sérgio tinha e do seu modo ímpar de escrever. Era um grande escritor. É difícil falar que ele não tenha deixado discípulos, pois, como grande escritor, ele tinha o próprio caminho. Aprendíamos muito com ele.

Raízes do Brasil: uma obra aberta que convida para o diálogo

ENTREVISTA COM ROBERT WEGNER

Quem também colabora no debate sobre a contribuição da obra Raízes do Brasil, de Sérgio Buarque de Holanda, é o professor Robert Wegner, pesquisador adjunto da Fundação Oswaldo Cruz, do Rio de Janeiro. Wegner é graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná, e mestre e doutor em Sociologia. Eis a íntegra da entrevista concedida por e-mail.

IHU On-Line - Como podemos fazer uma releitura do livro *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, hoje? O que significa reler essa obra nos dias atuais?

Robert Wegner - O livro foi escrito por Sérgio Buarque como um ensaio. O que significa isso? É uma obra aberta que convida o leitor para um diálogo. *Raízes do Brasil* não pretendeu ser um espelho da realidade, mas uma ferramenta para refletir sobre o Brasil. Por exemplo, a questão não é constatar se o homem brasileiro é cordial, ou se deixou de ser. A questão é nos interrogarmos sobre a nossa prática cotidiana, nossas opções políticas, que Brasil estamos construindo. Por isso, faz sentido sempre reler *Raízes*, pois em cada momento o leitor é outro, o país é outro e o livro também é outro. A cada leitura, o livro nos lança novas questões. Não respostas prontas. Isso tem tudo a ver com ensaio.

IHU On-Line - Quais os limites da obra?

Robert Wegner - É não dar respostas definitivas. Quem procurar um programa político no livro não vai encontrar. E isto é interessante: era comum nos anos 1920 e 1930 que os livros de interpretação da história do País tivessem como fecho um programa. O País é este tal e tal, diante disso, o que fazer? E tentavam responder. A estrutura de *Raízes do Brasil* é semelhante. É uma história do Brasil seguindo uma linha cronológica e

quando chega o capítulo conclusivo em que estaria este programa, o autor diz que não é possível fazê-lo.

IHU On-Line - Em que aspectos *Raízes do Brasil* mais avança?

Robert Wegner - Sérgio Buarque foi o primeiro autor no Brasil a utilizar de maneira sistemática a obra de Max Weber. A partir da sua obra avançou a discussão sobre a (ausência de) ética do trabalho no Brasil e o uso do público para interesses privados. O conceito de funcionário patrimonial, que Sérgio Buarque trabalha com base em Weber, é o funcionário que usa o cargo público para atender a fins privados.

IHU On-Line - Que tipo de sociedade é descrita por Buarque de Holanda e o que ela tem a ver com a sociedade brasileira atual?

Robert Wegner - *Raízes do Brasil* fala de uma sociedade marcada pela sua herança ibérica, marcada pela aventura, a imprevisibilidade ao invés da conduta metódica e do trabalho, e é uma sociedade da cordialidade. Contudo, o interessante do livro é que, ao mesmo tempo que apresenta este Brasil, está dizendo que, desde o início do século XIX, ele está em franca desintegração. Estaria surgindo um novo país que ainda não estava claro o que seria, mas que, em alguma

medida, estava se distanciando das raízes ibéricas. O que este Brasil seria não estava claro: não se sabia se o País iria "esticar" suas raízes ibéricas até serem rompidas ou se este "esticar" iria apenas prolongá-las e, então, seríamos modernos sem deixar completamente de ser ibéricos. A questão é que, como até hoje não sabemos direito o que somos esta indefinição do livro é muito atual. Ajuda a pensar nossos dilemas e deveria ajudar a pensar o que queremos ser, que projeto queremos.

IHU On-Line - Como podemos retomar o conceito de "homem cordial" nos dias de hoje? Quem é o homem cordial contemporâneo? É o mesmo descrito por Buarque de Holanda?

Robert Wegner - Certa vez, li uma reportagem em um jornal que tratava sobre violência. A chamada era mais ou menos assim: "*Brasileiro deixou de ser cordial*". Acontece que cordial, no sentido dado por Sérgio Buarque, não elimina a violência. A idéia da cordialidade se refere à pessoa que age segundo os impulsos do coração (*cordis*), sem nenhuma mediação da polidez. É um ser sem máscaras. Podemos achar isso bom e nos referirmos a isso como espontaneidade, etc. Acontece que a máscara, a polidez são necessárias para o funcionamento das instituições. Vamos pensar no funcionamento da burocracia adequadamente: um funcionário cordial dá em funcionário patrimonial. Favorece seus amigos e prejudica seus amigos com o poder que o cargo lhe dá. Para a burocracia funcionar, suas regras impessoais devem valer para todos. Isso

envolve um processo de educação, de formação, ou seja, adoção de máscaras para agir de maneira igual perante todos, amigos e inimigos. Isto é descrito no livro como civilidade e nos impele a nos perguntarmos que mecanismos temos tido que cumprem o papel de educação para a sociabilidade. Concordo que Sérgio Buarque valoriza a cultura brasileira, mas é preciso fazer um reparo. Como a idéia de homem cordial ficou famosa, muita gente acha que Sérgio Buarque disse que a cordialidade nunca acabaria e que ela era boa. Mas o autor é muito crítico ao "homem cordial". A crítica principal é que, com homens cordiais, não se tem democracia, burocracia. E há uma crítica mais pontual também que acho interessante: o homem cordial gosta de viver em sociedade para se libertar do "mau amor" que tem para consigo mesmo. É uma crítica muito dura.

IHU On-Line - Que relações podemos estabelecer entre história, literatura e as noções de tempo e espaço que percorrem a obra *Raízes do Brasil*?

Robert Wegner - Às vezes, lendo *Raízes do Brasil*, lembro de uma passagem de Walter Benjamin¹ sobre uma gravura de Paul Klee. Benjamin diz que o anjo da história tem o rosto voltado para trás, mas uma ventania não deixa que feche as asas e o lança à frente.

¹ **Walter Benjamin** (1892-1940): filósofo alemão crítico das técnicas de reprodução em massa da obra de arte. Foi refugiado judeu alemão e diante da perspectiva de ser capturado pelos nazistas, preferiu o suicídio. Um dos principais pensadores da Escola de Frankfurt. (Nota da *IHU On-Line*)

Um mapa da vida mental e ideológica do Brasil

ENTREVISTA COM ANGELA MENDES DE ALMEIDA

*Considerado pela professora Angela Mendes de Almeida como um verdadeiro mapa da vida mental e ideológica do Brasil de hoje, o livro **Raízes do Brasil** é uma obra de grandes contribuições para o entendimento do modo de pensar e de sentir dos brasileiros.*

*Angela Mendes de Almeida formou-se em Ciências Sociais pela USP (1968) e doutorou-se em Ciências Políticas pela Universidade de Paris VIII-St.Dennis (1981). Foi professora universitária em Lisboa durante quatro anos e, desde 1982, trabalha na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, dedicando-se à pesquisa sobre história da família no Brasil. Publicou os livros **Revolução e guerra civil na Espanha (1981)** e **A república de Weimar e a ascensão do nazismo (1982)**; organizou e contribuiu com um artigo para a coletânea **Pensando na família no Brasil: da colônia à modernidade (1987)**. A entrevista a seguir foi concedida por e-mail*

IHU On-Line - Que releitura podemos fazer do livro **Raízes do Brasil**, de Sérgio Buarque de Holanda? O que significa reler essa obra nos dias atuais?

Angela Mendes de Almeida - **Raízes do Brasil** faz uso da matéria legada pela história de um modo que permite identificar as amarras que, no presente, bloqueiam o nascimento de um futuro melhor. O autor procura compreender o processo de transição sociopolítica vivido pela sociedade brasileira nos anos 1930 e depois, na década de 1940, quando o livro foi modificado e ampliado.

Considero este livro, junto com outros clássicos, como o Gilberto Freyre¹, de **Casa-grande e senzala**, e o Caio

¹ Gilberto Freyre (1900-1987): escritor, professor, conferencista e deputado federal. Colaborou em revistas e jornais brasileiros. Foi professor convidado da Universidade de Stanford (EUA). Recebeu vários prêmios por sua obra. Ainda recebeu o título de Doutor Honoris Causa da Universidade de Münster (Alemanha) e da Universidade Católica de Pernambuco. seus livros, citamos: **Casa grande & Senzala** e **Sobrados e Mocambos**. O Prof. Dr. Mário Maestri, do PPG em História da

Prado Júnior², de **Formação do Brasil contemporâneo**, um verdadeiro mapa da vida mental e ideológica do Brasil de hoje. No famoso prefácio de Antonio Cândido ao **Raízes**, de 1967, ele faz referência à forte influência

Universidade de Passo Fundo (UPF), apresentou o segundo livro na programação do II Ciclo de Estudos sobre o Brasil, promovido no dia 15 de abril de 2004, pelo IHU. Sua palestra originou o artigo publicado no Cadernos IHU número 6, de 2004, intitulado **Gilberto Freyre: da Casa-Grande ao Sobrado. Gênese e Dissolução do Patriarcalismo Escravista no Brasil. Algumas Considerações**. (Nota da **IHU On-Line**)

² Caio Prado Júnior (1907-1990): pensador e político. Publicou em 1942 sua obra mais importante, **A Formação do Brasil Contemporâneo**, sofrendo perseguições devido ao seu alinhamento político com orientação comunista, tendo seu mandato cassado dois anos depois da publicação do livro. Seu livro criou, porém, uma tradição historiográfica no Brasil, identificada, sobretudo com o marxismo, buscando uma explicação diferenciada da sociedade colonial. Essa obra foi apresentada no evento I Ciclo de Estudos sobre o Brasil, promovido pelo IHU, em 14 de agosto de 2003, pela professora Marica Eckert Miranda, da Unisinos, que concedeu uma entrevista ao **IHU On-Line** número 70, de 11 de agosto de 2003. (Nota da **IHU On-Line**).

desses textos sobre a sua geração, como instrumento de reflexão sobre o Brasil. Ultimamente tem nuançado bastante essa afirmação, caracterizando-a como apenas a posição daquela geração. Penso que, se é verdade que, para muitos estudiosos e historiadores, tais livros estão ultrapassados, isso se dá porque essa parcela da intelectualidade faz do Brasil uma interpretação otimista, crê essencialmente na sua pujança e modernidade, modernidade essa, aliás, que se manifesta no próprio fato de que, seguindo certas tendências mundiais, desprezam as grandes narrativas e concentram-se em estudos especializados. Não é o meu caso. Embora dê muito apreço aos estudos que têm um centro definido, considero que as grandes narrativas contribuem para a melhor compreensão desses fatos isolados, para a inserção da parte no todo.

Contribuições ao modo de pensar

Assim sendo, vejo nesta obra de Buarque de Holanda, grandes contribuições para o entendimento do modo de pensar e de sentir dos brasileiros, derivado de sua formação histórica. Ao caracterizar-nos, nos capítulos II *Trabalho e aventura* e III *Herança rural - a civilização instalada pelos portugueses no Brasil*, não como uma civilização tipicamente agrícola, marcada pela presença camponesa, e sim como uma “civilização de raízes rurais”, que têm como base a grande propriedade rural comandada pelo senhor, e trabalhada pelos escravos, Buarque de Holanda faz um gancho com as duas obras acima referidas. Mas vai além: o forte dessa civilização de raízes rurais é a invasão do espaço público pelo privado, tendo a família como valor norteador, fornecendo “a idéia de poder, coesão social, obediência”(p. 50). “A mentalidade da casa-grande invadiu as cidades e conquistou todos os extratos” (p. 55). Os valores do espaço privado - família e religião - introduzem no espaço público o particularismo, contra o preceito da universalidade, o casuísmo, contra as regras

da igualdade para todos, e, filho desses modos de sentir e de pensar, o favor, que Roberto Schwarz¹ caracterizou como “a nossa mediação quase universal”.

Ora, quem negaria a atualidade destas interpretações apenas rememorando os últimos anos da vida política no Brasil? Nepotismo, favoritismo, invasão do espaço público pelo espaço privado e os valores da família e da religião, norteador intervenções, discussão sobre a legislação e a luta política em geral. Seria impossível, neste espaço, mencionar todos os mil exemplos de cada dia que explicitam vivamente este modo de pensar e de sentir, raramente questionado.

Ultimamente esteve em moda citar, de boca cheia, o “espírito republicano” que seria exatamente o contrário desse “familismo”. Porém, o tema vem à tona sempre por parte de alguém que critica o outro pela falta de espírito republicano. Questionar esses hábitos, praticamente ninguém faz.

IHU On-Line - Que sociedade é descrita por Buarque de Holanda? Como ela se parece com a sociedade brasileira atual?

Angela Mendes de Almeida - No livro, não há propriamente uma descrição da sociedade, senão a descrição sutil e perspicaz de alguns hábitos e características da sociedade brasileira, legados pela forma como se organizou a sociedade, marcada desde o início pela divisão de classes cujo emblema é a dicotomia entre senhor e escravo. Um dos conceitos mais famosos de Buarque de Holanda é o do “homem cordial” (cap. V). É impressionante como todos, inclusive estudiosos e intelectuais, insistem em não entender o sentido de “cordial”, interpretando-o, para o bem e para o mal,

¹ Roberto Schwarz: Crítico literário nascido em Viena, na Áustria, em 1938. Estudou ciências sociais e letras nas universidades de São Paulo, Yale e Paris, onde defendeu uma tese célebre sobre Machado de Assis. Ex-professor da Unicamp, Schwarz é uma das vozes mais incisivas do ensaísmo brasileiro. (Nota da *IHU On-Line*)

como homem bonzinho. Essa capacidade de desentendimento é profunda e deveria ser estudada por algum freudiano. Pois o homem cordial de Buarque de Holanda é aquele cujos sentimentos e ações vêm do fundo do coração, da sede onde está a família e o espaço privado. Cordial para amar, amar seus familiares e apaniguados. E cordial para maltratar, machucar e torturar (como aliás bem lembrou o *Fado Tropical* de Chico Buarque¹) todos aqueles que não são de seu círculo de familiares e amigos, e sobretudo os pobres, considerados sem família. Esse conceito abre espaço para entender a violência dos poderosos contra “os outros”, outra família de poderosos rivais, mas sobretudo os “sem família”, “sem berço”. Violência que percorre o espaço histórico da escravidão à Primeira República, passando pelas nossas ditaduras, e chegando à atual violência institucional contra os pobres e contra os movimentos sociais dos pobres.

IHU On-Line - Quais os limites da obra? Quais são os que aspectos em que mais avança?

Angela Mendes de Almeida - Como já disse antes, considero alguns dos primeiros capítulos de *Raízes do Brasil* fundamentais, junto com outros clássicos, como Gilberto Freyre e Caio Prado Júnior, para compreender a atualidade do Brasil, para além de uma análise economicista descarnada. Ao menos do meu ponto de vista, que acabo brevemente de explicitar acima. Já o contrário acontece com o último capítulo, o VII, *Nossa revolução*. Depois de fazer uma crítica bastante radical do modo de pensar e de sentir encarnados na sociedade brasileira, de sua mentalidade, tendo como pano de fundo implícito a estrutura das classes sociais gerada pelo sistema de exploração agrária instalado desde o início da colonização, no último capítulo Buarque de Holanda enche-se de euforia e otimismo na análise daquele presente dos anos 1930, hoje longínquo passado.

¹ Confira ao final desta entrevista a íntegra do *Fado Tropical*.

Atribui à Abolição, em 1888, o título de revolução, “lenta, mas segura e concertada, a única que, rigorosamente temos experimentado em toda a nossa vida nacional” (p. 126). Prosseguindo, qualifica esse passado cujas mazelas, mas ao mesmo tempo os aspectos cativantes, acaba de desenhar, de “iberismo”, que se confundiria com o “agrarismo” das nossas raízes históricas. E vê, já vivo, o antídoto para esse veneno, o “americanismo”, que, embora ainda incrustado no subterrâneo da sociedade, já é um impulso irreversível que nada deterá. “A urbanização, contínua, progressiva, avassaladora, fenômeno social de que as instituições republicanas deviam representar a forma exterior complementar, destruiu esse esteio rural, que fazia a força do regime decaído sem lograr substituí-lo, até agora, por nada de novo”(p 131).

Nesse aspecto, a meu ver, o livro desanda. É fácil hoje, diante da tragédia de nossas cidades, sobrevivendo em um *apartheid* social gerador de violência e medo, desprezar essa ingênua confiança no processo físico da urbanização, que, pela lógica, seria necessariamente acompanhado da industrialização. Mas penso que, enquanto os primeiros capítulos já citados, revelam a genialidade perspicaz do historiador, este último transmite o sentimento comum e difundido entre todos os intelectuais progressistas da época, desde o último quartel do século XIX, de que o progresso material geraria automaticamente cultura e educação, “socializaria” a civilização. O mundo caminhava em passo seguro para o futuro, evoluía sempre para frente e era preciso que o Brasil subisse nesse trem. Esse sentimento era também fortemente presente nos socialistas, com uma inspiração, nesse ponto, direta de Marx e Engels, seguida pela tradição social-democrata e comunista. Poucos intelectuais pressentiram, naquela época, como Walter Benjamin, que a evolução do mundo não era linear, que o progresso material estava prenhe de armadilhas, que a civilização continha elementos de

barbárie. Portanto, no que concerne ao seu otimismo
quanto ao futuro do Brasil, Buarque de Holanda era um

homem de sua época.

Fado tropical

CHICO BUARQUE - RUY GUERRA (1972-1973)

Oh, musa do meu fado. Oh, minha mãe gentil
Te deixo consternado no primeiro abril
Mas não sê tão ingrata. Não esquece quem te amou
E em tua densa mata. Se perdeu e se encontrou
Ai, esta terra ainda vai cumprir seu ideal
Ainda vai tornar-se um imenso Portugal

Sabe, no fundo eu sou um sentimental
Todos nós herdamos no sangue lusitano uma boa dose de lirismo
Mesmo quando as minhas mãos estão ocupadas em torturar, esganar, trucidar
Meu coração fecha aos olhos e sinceramente chora..."

Com avencas na caatinga. Alecrins no canavial
Licores na moringa. Um vinho tropical
E a linda mulata. Com rendas do Alentejo
De quem numa bravata. Arrebato um beijo
Ai, esta terra ainda vai cumprir seu ideal
Ainda vai tornar-se um imenso Portugal

Meu coração tem um sereno jeito e as minhas mãos o golpe duro e presto
De tal maneira que, depois de feito, desencontrado, eu mesmo me contesto

Se trago as mãos distantes do meu peito e que há distância entre intenco e gesto
E se o meu coração nas mãos estreito me assombra a súbita impressão de incesto

Quando me encontro no calor da luta
Ostento a aguda empunhadura à proa
Mas o meu peito se desabotoa

E se a sentença se anuncia bruta
Mais que depressa a mão cega executa
Pois que senão o coração perdoa"

Guitarras e sanfonas. Jasmins, coqueiros, fontes
Sardinhas, mandioca. Num suave azulejo
E o rio Amazonas que corre Trás-os-Montes
E numa pororoca deságua no Tejo
Ai, esta terra ainda vai cumprir seu ideal
Ainda vai tornar-se um imenso Portugal
Ai, esta terra ainda vai cumprir seu ideal
Ainda vai tornar-se um imenso Portugal

Buarque de Holanda para entender a crise social e a política brasileira

ENTREVISTA COM ALEKSANDAR JOVANOVIC

Mestre em Lingüística e doutor em Semiótica e Lingüística Geral pela Universidade de São Paulo, o professor Aleksandar Jovanovic, da USP, foi entrevistado, por telefone, pela IHU On-Line, discutindo Raízes do Brasil. Como lingüista, Aleksandar trabalha, sobretudo, com Lingüística Aplicada. Ele é autor do artigo Sérgio Buarque de Holanda: No Brasil de 80, elitismo ainda predomina, na cultura e na política. Exatamente como no passado, publicado no Diário do Grande ABC, Santo André (SP), em 13 de abril de 1980. Eis a entrevista:

IHU On-Line - Como podemos fazer uma releitura do livro *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, hoje? O que significa reler essa obra nos dias atuais?

Aleksandar Jovanovic - Reler Sérgio Buarque de Holanda em qualquer época é fundamental para entendermos a gênese da sociedade brasileira. Assim como é importantíssimo também reler sempre Gilberto Freyre. No caso específico de Sérgio Buarque, acredito que relê-lo hoje é dar uma olhada mais aprofundada na crise social e política que o Brasil atravessa e tentar encontrar chaves de leitura para a solução dos nossos problemas. Isso porque ele já conseguiu identificar na época em que escreveu o livro uma série de questões chaves que entraram no nosso desenvolvimento como sociedade.

IHU On-Line - Em que aspectos *Raízes do Brasil* mais avança?

Aleksandar Jovanovic - Sérgio Buarque de Holanda conseguiu dar uma leitura poliédrica à sociedade brasileira, mostrando suas diversas contradições e a sua complementaridade. Esse é o aspecto mais importante da obra, em que ele salienta nossas contradições que

estão inscritas desde o descobrimento e ainda não foram solucionadas. Essa é a chave mais importante de leitura.

IHU On-Line - Como obra literária o livro propõe uma nova linguagem? Como o senhor caracterizaria a linguagem da obra?

Aleksandar Jovanovic - O autor tinha uma visão inovadora para interpretar, sob o ponto de vista histórico-político-social, aquilo que é o País. Acredito que ele tenha sido inovador em todos os aspectos. Ele foi um dos maiores e mais importantes intérpretes da nossa realidade. Sob o ponto de vista formal, ele caminhou ombro a ombro com os modernistas que renovaram a literatura no começo do século XX. No fundo, Sérgio Buarque acabou sendo importante sob todos os aspectos e para todas as áreas do conhecimento vinculadas às ciências humanas.

IHU On-Line - Mas Sérgio Buarque tinha algumas ressalvas com os modernistas...

Aleksandar Jovanovic - Sim, mas são coisas episódicas. Os modernistas também tinham as suas contradições internas, entre si. Os dois "Andrades" (Mario e Oswald) que foram importantíssimos, cada um à sua maneira,

também não comungavam de idéias em todos os aspectos. As ressalvas do Sérgio Buarque não neutralizam o fato de que, querendo ou não, conscientemente ou não, ele caminhou lado a lado com os modernistas, nesta renovação formal das ciências humanas, especificamente literatura, que aconteceu no Brasil.

***IHU On-Line* - Que tipo de sociedade é descrita por Buarque de Holanda e o que ela tem a ver com a sociedade brasileira atual? Existe alguma semelhança com outras sociedades no mundo?**

Aleksandar Jovanovic - As nossas especificidades, hoje, se nós pensarmos no que é o Brasil no início do século XXI estão começando a ser aplainadas em um processo de “terraplanagem” das diferenças, por meio desse processo de mundialização, em que há uma divisão muito maior daquilo que é negativo do que da riqueza. Na verdade, é uma divisão da dependência e da pobreza. Nós somos vítimas desse processo. Se olharmos bem, na medida em que estes brasis que coexistem, que são pelo menos cinco (o sul, o centro-sul, o centro-oeste, o norte e o nordeste) com realidades político-econômico-sociais bastante diferentes, embora pudessem ser muito mais complementares do que são, ainda assim, em grande parte, somos vítimas de um processo em que tudo isso acaba sendo nivelado pelo canibalismo econômico. Entretanto, nós temos as nossas especificidades, que são os nossos defeitos internos, quanto à realidade política, que nada tem a ver com este outro processo internacional. O Brasil hoje, de um lado, tem componentes de país avançado, com relação à tecnologia, ao conhecimento, à industrialização. E, por outro lado, convivem com este Brasil realidades que estão ainda na sociedade pré-industrial, pré-capitalista. Ainda temos núcleos de uma sociedade feudal. Já sob o ponto de vista político, este mundo feudal ainda subsiste como substrato de muitos pedaços e de muitas regiões destes vários brasis a que eu me referi. Talvez a melhor

expressão disso tenha sido a obra de Raymundo Faoro, *Os Donos do Poder*, para explicar essa gênese do nosso medievalismo político sob muitos aspectos.

***IHU On-Line* - E a tese levantada por Buarque de Holanda do “homem cordial”? Quem é o homem cordial em nossa sociedade?**

Aleksandar Jovanovic - Não sei até que ponto esse *homo cordialis* pode expressar o Brasil de hoje, na medida em que a violência urbana, fruto de uma série de desacertos socioeconômicos e políticos, está sucumbindo a esses dois processos a que eu me referi: o primeiro é essa “terraplanagem” da nossa realidade socioeconômica, e o segundo é a realidade política. Eu receio que este homem cordial, que podia ser um retrato parcial ou em grande parte verdadeiro, quando Sérgio Buarque de Holanda escreveu seu livro, esteja se tornando menos cordial e corra o risco de ficar encurralado entre paredes, por causa da realidade que o cerca. Eu não sei realmente se podemos pensar que o brasileiro continue tão cordial, lamentavelmente, porque esta sempre foi uma característica marcante desde o momento da criação deste símbolo do Sérgio Buarque. Isso acabou sendo utilizado dentro e fora do Brasil como uma marca registrada da brasilidade. Com tantos problemas socioeconômicos receio que corremos o risco de o homem cordial submergir diante do que está a sua volta.

***IHU On-Line* - Quais são as raízes do Brasil, as origens de nosso País e como isso aparece hoje?**

Aleksandar Jovanovic - O polimorfismo etnocultural nacional nos permite entender esses cinco brasis e a sua complementaridade ancorada nas culturas diversas que se amalgamaram aqui. Essa pode ser a chave para a compreensão do Brasil, e esse fato conseguiu de forma única, até hoje, no mundo, fazer conviver em relativa calma não só povos de origens diferentes, mas também

de culturas e de religiões diferentes. Isso tudo se deu neste mundo conturbado, porque os povos e as nações, sobretudo os seus governantes, estão perdendo o equilíbrio mínimo das coisas. Ainda assim, apesar das dificuldades que citei, esta miscigenação e esta diversidade cultural e antropológica permitem que o Brasil ainda se considere e se mantenha unificado de certa forma. Nesse aspecto *Raízes do Brasil* pode nos ajudar a entender como estes povos e culturas conseguiram conviver de forma relativamente harmônica ao longo do tempo.

IHU On-Line - Que relações podemos estabelecer entre Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre?

Aleksandar Jovanovic - As obras dos dois autores são fundamentais na tentativa de explicar aspectos do Brasil que não tinham sido explicados até então. Ainda que eles não façam a mesma leitura ou uma leitura paralela do

que seja a formação do Brasil, divergindo em vários aspectos, há uma convergência fundamental no que diz respeito à tentativa de desentranhar aquilo que está nas origens do Brasil, de tentar efetivamente fazer uma leitura múltipla à luz da ciência moderna de quais são as origens do Brasil e a sua articulação com a sociedade. A importância de ambos é similar na medida em que conseguiram, no conjunto de suas obras, extravasar uma única área do conhecimento dentro do campo das ciências humanas. Eles conseguiram trabalhar com dados antropológicos, sociológicos, etnográficos e históricos. Há algumas obras de autores brasileiros (e, entre eles, destaca-se Sérgio Buarque de Holanda) que são fundamentais e deveriam ser muito mais divulgadas do que são. Esta é uma das nossas deficiências, como sociedade: a falta de leitores dos pensadores que o Brasil produziu e a falta da reflexão sobre o que eles escreveram.

“Toda releitura se dá em razão da vivência, dos desafios e dos problemas atuais”

ENTREVISTA COM MARIA JOSÉ DE REZENDE

*De acordo com a professora da Universidade Estadual de Londrina, Maria José de Rezende, a releitura da obra *Raízes do Brasil* deve ser feita seguindo uma indicação dada por Sérgio Buarque de Holanda em uma entrevista publicada em 28 de janeiro de 1976 (Veja, n.386). “Parafrazeando Benedetto Croce, ele afirma que toda história é história contemporânea”. O que isso tem a ver com as releituras possíveis de sua obra? Tem a ver com o fato de que toda releitura se dá em razão da vivência, dos desafios e dos problemas atuais”.*

*Maria José de Rezende possui mestrado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1991) e doutorado em Sociologia pela Universidade de São Paulo (1996). Escreveu: *A ditadura militar no Brasil: repressão e pretensão de legitimidade - Reimpressão em 2003*. Londrina: Eduel - Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2001 e *A transição como forma de dominação política*. Londrina: EDUEL, 1996*

IHU On-Line - Como podemos fazer uma releitura do livro *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, hoje? O que significa reler essa obra nos dias atuais?

Maria José de Rezende - A releitura da obra *Raízes do Brasil* deve ser feita seguindo uma indicação dada por Sérgio Buarque de Holanda em uma entrevista publicada em 28 de janeiro de 1976 (Veja, n.386). Parafrazeando Benedetto Croce¹, ele afirmava que “toda história é história contemporânea”. O que isso tem a ver com as releituras possíveis de sua obra? Tem a ver com o fato de que toda releitura se dá em razão da vivência, dos desafios, dos problemas atuais. O modo como vivenciamos os nossos problemas políticos hoje poderá ser, então, o guia da releitura que poderá privilegiar, na obra, determinados aspectos, determinados traços em

vista da conjuntura atual. Nesse caso, a leitura do livro *Raízes do Brasil*, nos dias atuais, estará sempre atravessada pelos desafios de nosso tempo. É por isso que o livro constitui um texto clássico, ao qual precisamos voltar sempre para compreender, por exemplo, as dificuldades da democracia no País, a persistência das práticas oligárquicas, dos figurantes mudos, do poder pessoal e dos conchavos. Assim, pode-se afirmar que os dois últimos capítulos intitulados *Novos tempos* e *Nossa revolução* são os mais instigantes por colocarem elementos que nos ajudam a compreender o Brasil pós-transição, ou seja, pós-1988. Nestes dois capítulos, Sérgio Buarque de Holanda coloca no centro do debate a questão democrática. É uma abordagem dotada de enorme atualidade porque se situa numa constante

¹ Benedetto Croce (1866 - 1952) foi um filósofo idealista italiano.

tensão: a dificuldade de efetivação de práticas e de procedimentos democráticos e a esperança de que o País se transforme politicamente. A análise feita, então, na década de 1930 contém uma substancialidade crítica do presente, tanto em relação à época em que o texto foi escrito quanto ao momento atual. A idéia básica de que nunca houve democracia no Brasil, já que ela implicaria na participação, de fato, dos setores populares, ainda é válida, sem sombras de dúvida.

IHU On-Line - Quais os limites da obra? E quais as suas principais polêmicas?

Maria José de Rezende - Sérgio Buarque de Holanda recusou-se a reescrever essa obra. Ele próprio apontava alguns limites dela. Ele dizia que se tratava de um texto datado. Um outro limite apontado por ele e por outros estudiosos do pensamento brasileiro é o caráter expressivamente ensaísta de algumas partes. Segundo ele, o capítulo sobre o ladrilhador e o sementeiro seria “ensaísta demais”. Esta observação remete a uma outra crítica que o próprio autor levanta na entrevista publicada na revista *Veja* em 28 de janeiro de 1976: o ensaio geralmente não conta com uma pesquisa rigorosa e exaustiva. Sérgio B. de Holanda, conquanto não fosse contrário a essa modalidade de texto, afirma que preferia aqueles seus livros que foram orientados por pesquisas absolutamente rigorosas. Numa entrevista de 2 de junho de 1981 (republicada no *Caderno Mais da Folha de S. Paulo* em 08 de agosto de 2004), ele ressalta que lhe havia sido proposto, por uma editora estrangeira, a publicação de uma reedição modificada de *Raízes do Brasil*; no entanto, ele havia recusado essa tarefa, já que isso lhe parecia uma tarefa titânica. Nessa ocasião, ele fez críticas a algumas discussões iniciais do livro em que se discutem o personalismo, o individualismo e os tipos sociais por ele criados como o sementeiro e o ladrilhador. Fica evidente, porém, na fala dele de 1981, que a parte

(Nota da *IHU On-Line*)

vigorosa do livro era a parte final, ou seja, os últimos capítulos, isso porque o contexto político no qual foi escrito era muito difícil no que tange à implementação de uma nação democrática. Tais dificuldades, em dimensões diferentes e com outras implicações conjunturais, estariam também presentes hoje.

Entre as inúmeras polêmicas em torno do livro, há uma que merece destaque: aquela que se refere ao tipo social denominado por ele homem cordial. A polêmica que se iniciou imediatamente após a publicação da primeira edição, em 1936, não cessou até os dias atuais. Há uma confusão em torno do próprio termo “cordial”. O pensador Cassiano Ricardo foi o primeiro a confundir o “homem cordial” com o “homem bom”. Sérgio Buarque de Holanda tanto na entrevista de 1976 quanto na de 1981 referiu-se a esta confusão. A cordialidade, diz ele, nada tem a ver com bondade ou com não-violência. Não há positividade alguma em ser o brasileiro um tipo social cordial, já que a cordialidade alimenta práticas e procedimentos políticos conciliadores, clientelistas, populistas e oligárquicos. A cordialidade opõe-se à democracia em razão de negar a necessidade da transparência e da publicização das relações sociais que forma atores sociais capazes de balizar a ação dos dirigentes.

IHU On-Line - A senhora pode falar sobre a crítica ao processo elitista de formação da nacionalidade que aparece em *Raízes do Brasil*?

Maria José de Rezende - Sérgio Buarque de Holanda demonstra principalmente nos capítulos finais da obra em questão, que as massas populares sempre estiveram ausentes no jogo político nacional. Este é o fundamento de nossa formação elitista que tem levado uma camada muito pequena a tudo decidir em favor de seus próprios interesses pessoais. Foi assim na Colônia, foi assim no Império e continuou sendo assim a partir de 1889. Se as mudanças foram executadas por um grupo que nunca

teve qualquer projeto nacional - o qual somente poderia existir se houvesse uma participação, de fato, da população na arena política - temos uma nacionalidade cindida. As elites dirigentes decidem em proveito próprio, sempre em favor de seus interesses, sejam eles econômicos ou políticos. Nessa entrevista de 1976, ele afirma que, até aquele momento, todas as mudanças no País teriam sido mudanças operadas por elites civis ou militares que contornaram as divergências entre os seus diversos segmentos e seguiram obstinados na manutenção de um processo altamente excludente. A democracia, nessas condições, continua, sem dúvida alguma, quase impossível de se efetivar.

IHU On-Line - Sérgio Buarque de Holanda criticava o conceito de uma identidade nacional permanente ou fixa. Como isso se deu no período do Estado Novo?

Maria José de Rezende - A identidade nacional fixa ou permanente acaba por alimentar uma interpretação do País essencialmente presa a uma idealização ou a uma condenação do passado. Tanto a idéia de Gilberto Freyre expressa nas obras *Casa grande & senzala*, *Sobrados e mucambos* e *Ordem e progresso* de otimização do passado, quanto à de Oliveira Vianna assentada na descrença em qualquer possibilidade de ação política acertada, da maioria dos brasileiros, em vista de um passado colonial nefasto, acabaram por construir uma identidade nacional fixa. Ou o brasileiro era visto como dado a toda forma de violência e de desmando, conforme Viana, ou era dado a todo tipo de equilíbrio de antagonismo e de conciliação, conforme queria Freyre. No período do Estado Novo, idéias como as de Oliveira Viana, eram aceitas pelos dirigentes, por defenderem o empoderamento do Executivo como a única forma de controlar os hábitos, instintos, costumes e mentalidades avessas ao fortalecimento do poder público. Não eram aceitas, porém, as idéias de Freyre que defendiam que os brasileiros, de modo geral, eram contra o

autoritarismo, mas não avessos à autoridade. É visível que a discussão empreendida por Sérgio Buarque de Holanda situava-se criticamente nestas duas visões fatalistas que advogavam que éramos um país fatalmente condenado ao autoritarismo ou fatalmente condenado à conciliação. Esses dois fatalismos tinham um caráter conservador, visto que toda e qualquer mudança com vistas a superar um passado violento, autoritário, oligárquico, patriarcal e personalista passava por ações sociais capazes de reinventar o País.

IHU On-Line - Que tipo de sociedade é descrita por Buarque de Holanda e o que ela tem a ver com a sociedade brasileira atual?

Maria José de Rezende - A resposta a esta pergunta transcende a obra *Raízes do Brasil*. É uma pergunta que somente pode ser respondida se for levado em consideração o conjunto da obra de Sérgio Buarque de Holanda. Há, segundo ele, um abismo entre as elites dirigentes e as massas populares. É uma sociedade que potencializa a eternização de um sistema de domínio que impede a emergência de caminhos indicadores do surgimento de uma forma social não-excludente. Pode-se dizer que isso está ainda muito presente na atualidade, ou seja, esta dificuldade de aparecerem caminhos capazes de vencer, paulatinamente, os processos de exclusões petrificados na sociedade brasileira. O eixo central para compreender a relação entre política e sociedade era a marginalização a que muitos estavam submetidos, na década de 1930 quando foi escrito o livro *Raízes do Brasil*. Tal marginalização do processo decisório imposta à maioria alimentava, afirmava ele, o poder pessoal, a farsa do sistema representativo e o esvaziamento dos partidos políticos. Tais processos estão muito presentes na sociedade brasileira, hoje. A ausência de procedimentos transparentes por parte dos dirigentes e a dificuldade de os setores dirigentes, dominantes e médios situarem suas práticas no âmbito da democracia

e do Estado de direito, as quais foram muito trabalhadas por Sérgio Buarque de Holanda, estão também presentes na atualidade de forma arrasadora para a nação. A máxima de Nabuco de Araújo, senador do Império, de

que “a liberdade existe para nós, homens de gravata lavada, e não para o povo” continua, afirma Holanda na entrevista de 1976, atualíssima.

Reconstrução de fragmentos

ENTREVISTA COM MAURO GAGLIETTI

*“O objeto do livro é reconstruir fragmentos de formas de vida social, de instituições e de mentalidades nascidas no passado e que ainda faziam parte de uma identidade nacional que o autor acreditava estar em vias de ser superada”, é o que diz o professor e pesquisador da Universidade de Passo Fundo (UPF), Mauro José Gaglietti. Em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line, o professor abordou muitos conceitos do livro *Raízes do Brasil*, entre eles o de homem cordial.*

*Gaglietti possui Graduação em História pela Universidade Federal de Santa Maria/UFSM (1985), mestrado em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS (1998) e doutorado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/PUCRS (2005). Atualmente é professor assistente e integra o Quadro de Pesquisadores da Universidade de Passo Fundo (UPF), tendo institucionalizado o Projeto de Pesquisa: *Tradição e Modernidade no projeto político de Dyonélio Machado*. Ele pesquisa também Raul Pilla (PL) e Josué Guimarães (PTB).*

IHU On-Line - Qual releitura, hoje, podemos fazer do livro *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda? O que isso significaria?

Mauro Gaglietti - *Raízes do Brasil* faz uso da matéria legada pela história de um modo que permite identificar as amarras que, no presente, bloqueiam o nascimento de um futuro melhor. O autor procura compreender o processo de transição sociopolítica vivido pela sociedade brasileira nos anos 1930 e depois, na década de 1940, quando o livro foi modificado e ampliado. Sérgio Buarque, ao examinar as concepções, instituições e formas de vida gestadas por nossos antepassados, fá-lo,

tendo em vista que elas ainda oprimem - como diria Marx - o cérebro dos vivos. Cada capítulo examina formas de sociabilidade situadas num determinado período, mas o objeto do livro é reconstruir fragmentos de formas de vida social, de instituições e de mentalidades nascidas no passado e que ainda faziam parte de uma identidade nacional que o autor acreditava estar em vias de ser superada. Em *Raízes*, trata-se de examinar a identidade brasileira “tradicional”, entendida como um dos pólos de tensão social e política do presente (do momento em que foi escrito o livro), como o elemento arcaico que tende a ser superado pela sociedade brasileira em “revolução”.

Assim, a identidade brasileira estaria em devir, em processo de construção. Para Sérgio Buarque, em cada momento de sua construção, a sociedade brasileira é portadora de ambigüidade, pois, ao mesmo tempo que é nova, que é fruto da colonização européia, não se amolda bem à sua herança. Em suma, para o autor, a identidade brasileira era problemática - fraturada e ainda em devir. Rer ler essa obra hoje é buscar as origens de alguns comportamentos e práticas adotados pelo brasileiro nos dias atuais, tanto no âmbito privado como no público; é lançar mão de alguns elementos que nos permitam compreender melhor as peculiaridades da cultura e da arte produzida no Brasil.

***IHU On-Line* - Como podemos retomar o conceito de "homem cordial" nos dias de hoje? Quem é o homem cordial contemporâneo? É o mesmo descrito por Buarque de Holanda?**

Mauro Gaglietti - Sérgio Buarque e Gilberto Freyre, cada qual à sua maneira, ratificaram a idéia de Ribeiro Couto, de acordo com o qual a contribuição brasileira para a civilização seria a cordialidade. O conceito de cordialidade é uma síntese da formação histórico-social brasileira. A cordialidade é, segundo Sérgio Buarque, a qualidade daquele ser humano que vive ao sabor de paixões extremas, dominado pelo coração, para o bem e para o mal. Tal traço da cultura brasileira deita raízes nos hábitos e costumes da família patriarcal. O homem cordial, sentindo-se perdido no mundo impessoal da esfera pública, valoriza o elemento familiar, aquilo que está próximo do coração, incluindo-se aí as pessoas da casa, que habitam a esfera privada, caracterizada pelas relações afetivas. Sérgio Buarque de Holanda vê na cordialidade o caráter promíscuo da relação dos domínios do público e do privado. Os brasileiros ainda se reconhecem, em parte, no conceito de cordialidade, adotando-o como uma autodefinição. No entanto, na visão de Sérgio Buarque de Holanda, o brasileiro cordial

era uma sobrevivência do passado agrário. Para o autor, a revolução que estava em curso no Brasil iria diluir essa cordialidade. Na sua opinião, a urbanização e a vida moderna, inevitavelmente, levariam à superação da cordialidade. Segundo o autor, as conseqüências desse traço cultural herdado do passado afetavam, diretamente, a condução da coisa pública. Nas palavras do autor, "não existe, entre o círculo familiar e o Estado, uma gradação, mas antes uma descontinuidade e até uma oposição". O homem cordial se define por um fundo emocional extremamente rico e transbordante. Por isso, sempre favorece o grupo dos amigos, em vez de zelar pelo interesse coletivo - leia-se público -, priorizando a informalidade em detrimento das normas jurídicas. Desse modo, é importante assinalar que a noção de "homem cordial", provavelmente inspirada em conceitos de Max Weber, não deve ser confundida com simples bondade, pois até a inimizade pode ser cordial. Assim, a cordialidade, estranha a todo o formalismo e convencionalismo social, não abrange apenas sentimentos positivos. A inimizade pode ser tão cordial quanto a amizade, pois uma e outra nascem do coração; procedem da esfera do íntimo, do familiar e do privado. Observando-se, entre outras coisas, o modo como as pessoas transferem seus interesses privados para o âmbito público -, é lícito pensar que a cordialidade sobreviveu à modernidade. Nesse ponto, o prognóstico de Sérgio Buarque não se confirmou.

***IHU On-Line* - Que tipo de sociedade é descrita por Buarque de Holanda e o que ela tem a ver com a sociedade brasileira atual?**

Mauro Gaglietti - Na obra, a formação da cultura nacional é associada aos sentimentos e relações pessoais, diádicas, de troca de favores e de quebra das formalidades, traços que distinguiam os brasileiros de outros povos. *Raízes do Brasil* detecta os dilemas da modernização brasileira, alimentados pelas tensões entre

cordialidade e civilidade, ou entre iberismo e americanismo, eixos inconciliáveis neste ensaio de 1936. Na segunda edição do livro, por sua vez — revisada após a publicação de *Monções*, em 1945 —, observam-se alterações significativas na posição do autor, que, após reler Max Weber, refletira sobre a formação da mentalidade capitalista e as interpretações em curso acerca da conquista do Oeste brasileiro. Tais modificações feitas na obra permitem flagrar a insatisfação do autor no que diz respeito às explicações de tipo "genético", predominantes na primeira edição de

Raízes do Brasil, em que o foco da análise recai sobre as "características das tradições transatlânticas", que seriam responsáveis pela nossa formação. Assim, a obra de Sérgio Buarque, produzida a partir da segunda metade da década de 1940, sugere uma relação entre tradição ibérica e modernidade, eixos que não seriam de todo incompatíveis. Afastado das polaridades antitéticas sobre as quais se constrói a interpretação de 1936, o autor aposta, a partir desse momento, na combinação de tradicionalismo e modernização, de civilidade e cordialidade, de ócio e negócio.

A psicologia do povo brasileiro

ENTREVISTA COM ELIANE FLECK

A professora Dr.^a Eliane Fleck, do PPG em História da Unisinos, apresentou, no evento IHU Idéias, de 22 de agosto de 2002, o tema O homem cordial: Raízes do Brasil, de Sérgio Buarque de Holanda e no dia 8 de maio de 2003, a professora apresentou essa mesma obra no Ciclo de Estudos sobre o Brasil, concedendo, nessa oportunidade, uma entrevista à IHU On-Line, publicada na edição nº 58, de 5 de maio de 2003.

Para comemorar os 70 anos da primeira edição do livro Raízes do Brasil, entrevistamos, por e-mail, a professora Eliane Fleck. Eliane comentou que o livro traça uma "psicologia do povo brasileiro": "inserindo-se no debate nacional que vinha ocorrendo na década de 30 do século XX. Ao abordar um dos aspectos centrais do imaginário nacional e do caráter do homem brasileiro, Sérgio Buarque de Holanda propôs uma ampla reflexão sobre os efeitos da tradição ibérica sobre a sociedade brasileira", completa.

IHU On-Line - Como podemos fazer uma releitura do livro *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, hoje? O que significa reler essa obra nos dias atuais?
Eliane Fleck - Muitos dos comentadores da obra do historiador paulista Sérgio Buarque de Holanda destacaram que um dos principais objetivos de *Raízes do*

Brasil era delinear uma "psicologia do povo brasileiro", inserindo-se no debate nacional que vinha ocorrendo na década de 30 do século XX. Ao abordar um dos aspectos centrais do imaginário nacional e do caráter do homem brasileiro, Sérgio Buarque de Holanda propôs uma ampla reflexão sobre os efeitos da tradição ibérica sobre a

sociedade brasileira. A questão posta em debate por Sérgio Buarque de Holanda, contudo, mantém-se atual. Afinal, a nação do homem cordial, da natureza privilegiada, da sensualidade latente e do histórico pacifismo é também aquela que atinge índices assustadores de violência, de desigualdade social e de discriminações de toda ordem. A releitura desta obra nos oferece não só a possibilidade de desvendar os temas, os influxos teóricos e os percursos da produção acadêmica dos intelectuais brasileiros da “geração de 30”, como também de avaliar a permanência e/ou atualização de uma estrutura mental de longa duração, especialmente, em relação à cordialidade e à debilidade política e moral. É interessante ressaltar que o próprio autor, Sérgio Buarque de Holanda, empreendeu uma releitura da primeira edição e efetuou mudanças nas sucessivas edições de *Raízes do Brasil*, acrescentando notas com o objetivo de enriquecer seu argumento com dados e suprimindo passagens que celebravam as teses freyrianas. Segundo alguns de seus biógrafos e comentadores, o texto de *Raízes do Brasil* teria ganho em coerência, mas perdido ao tornar-se menos intrigante nas edições que se sucederam.

IHU On-Line - Quais os limites da obra?

Eliane Fleck - Convém não esquecer que a obra foi escrita nos anos 30 do século XX e que *Raízes do Brasil* inaugurou a “nova coleção” da Livraria José Olympio, denominada *Documentos Brasileiros*. Este período caracterizou-se pela significativa produção de vários intelectuais brasileiros empenhados em “redescobrir” o Brasil e em definir o “caráter nacional brasileiro”. É neste contexto de renovação e sob a influência do historicismo alemão e da metodologia dos *Annales* que Sérgio Buarque de Holanda lançou *Raízes do Brasil* em 1936. A obra revelava uma combinação de elementos da história social, da antropologia, da sociologia, da etnologia e da psicologia, promovendo o rompimento

com as visões teleológicas da história, com os racionalismos e com os determinismos científicos tão presentes na historiografia positivista e marxista. Se, por um lado, a opção pelo gênero ensaístico confere à obra grande força, originalidade e criatividade, por outro, a distancia da produção histórica e sociológica que vinha sendo produzida na época nos círculos acadêmicos. A esta opção, somam-se os condicionantes da incursão de Sérgio Buarque de Holanda no passado brasileiro. Seu olhar foi o de um homem urbano, letrado e de classe média, que buscou muito mais uma interpretação do Brasil do que uma proposta de transformação do Brasil. Daí não ter determinado - com precisão - qual seria este sujeito que faria a Revolução por ele apontada e qual o setor da sociedade, em particular, que deveria fazê-la.

IHU On-Line - Em que aspectos *Raízes do Brasil* mais avança?

Eliane Fleck - Segundo Sérgio Buarque de Holanda, o Brasil vivia entre dois mundos na década de 1930, “um definitivamente morto e outro que luta por vir à luz do dia”. É esta constatação que orienta a obra *Raízes do Brasil*: o reconhecimento da necessidade de se completar a ruptura com o passado colonial, com a herança do escravismo e do colonialismo. Recusando tanto o fascismo quanto o comunismo, Sérgio Buarque de Holanda forjou uma visão democrático-burguesa da história e caracterizou seus estudos sobre a formação social brasileira por uma marcante renovação da abordagem e da metodologia. Para além das inovações teóricas e metodológicas, sua maior contribuição foi a de ter identificado os obstáculos para a modernização política e econômica do Brasil e de ter apontado para um paradoxo na sociedade brasileira, o de nos descobrirmos estrangeiros em nosso próprio país. O brasileiro vivia, segundo Sérgio Buarque de Holanda, em uma “pátria-exílio” e numa sociedade marcada pelo “predomínio de uma ética de fundo emotivo” que não garantia a justiça

social, a distribuição de riquezas e o acesso à plena cidadania. Ele nos legou, ainda, a salutar inquietude diante da constatação de que somos um “eterno vir-a-ser”, um “país do futuro”, prenhe de promessas.

IHU On-Line - Em que medida a obra ajuda a compreender o Brasil de hoje? Que tipo de sociedade é descrita por Sérgio Buarque de Holanda e o que ela tem a ver com a sociedade brasileira atual?

Eliane Fleck - É surpreendente a permanência, na atualidade, de ranços relativos ao patrimonialismo e da imbricação entre o público e o privado denunciados por Sérgio Buarque de Holanda na década de 30 do século XX. Em pleno século XXI, a mentalidade brasileira permanece marcada pela cordialidade e pelo “jeitinho”, como bem apontado pelos estudos do antropólogo Roberto Da Matta. Esta cordialidade - que se mantém estruturando as relações de sociabilidade dos brasileiros e define a identidade nacional - acaba impedindo que as grandes mudanças na política e na sociedade brasileira ocorram. O personalismo, a falta de ordenação e racionalização na gestão da coisa pública e a violência narcotizante são tributários daquilo que Sérgio Buarque de Holanda denominou de “moral das senzalas”, originada de uma sociedade patriarcal e escravocrata que legou a segregação e o desprezo pelo trabalho manual e que retardou a urbanização e a modernização e impediu a construção de um Estado democrático.

IHU On-Line - Quais seriam as raízes, as origens do povo brasileiro, e como elas se mostram ainda presentes?

Eliane Fleck - “Somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra”. Esta afirmação de Sérgio Buarque de Holanda remete, num poderoso efeito retórico, à ausência de um solo firme, a uma implantação forçada em outro solo de traços historicamente constituídos na “cultura européia”, a uma indecisão entre a busca das

raízes e a atenção naquilo em que vieram a dar. A referência às raízes em Sérgio Buarque de Holanda assume um tom crítico, na medida em que as apresenta como um mundo rural que não é agrícola, que é lugar de permanência ou passagem, mas não de cultivo; um mundo urbano que é lugar subalterno ao rural, mas não se presta ao exercício da vida civil; uma cultura que não é cultivo, mas implante; tudo isso remete aos “desencontros e mal-entendidos”. As raízes de que fala Sérgio Buarque de Holanda aludem àquilo que afinal importa: aos princípios formadores da sociedade brasileira. Sua reconstrução histórica abre caminho para nos desentranharmos do emaranhado das raízes e para repensar a tarefa da (trans)formação de uma sociedade tão fortemente marcada pela (con) fusão entre o público e o privado, pelo personalismo, pelo nepotismo, pelo culto do improvisado e pelo predomínio da “ética de fundo afetivo” nas relações entre indivíduos e entre estes e o Estado.

IHU On-Line - Podemos estabelecer semelhanças entre Buarque de Holanda e Gilberto Freyre? Quais?

Eliane Fleck - Segundo o crítico literário Antônio Candido, tanto Sérgio Buarque de Holanda quanto Gilberto Freyre exprimem, através de suas obras de 1936 e 1933, respectivamente, uma “mentalidade ligada ao sopro de radicalismo intelectual e análise social que eclodiu depois da Revolução de 1930” e que conseguiu sobreviver ao Estado Novo. Pela inovadora abordagem histórica que ofereceram, ao adotarem uma análise histórico-sociológica, tornaram-se, sem dúvida, referências para a produção histórica brasileira. Se Freyre foi fortemente influenciado pela antropologia anglo-saxônica, Sérgio Buarque buscou na sociologia alemã os tipos ideais weberianos para analisar a organização da sociedade brasileira da colônia até o século XX. Sérgio Buarque de Holanda aceita, em geral, as teses centrais de *Casa Grande & Senzala*, em especial,

a da “mentalidade de casa-grande”, a do patriarcalismo e do paternalismo que caracterizam(vam) a sociedade brasileira. Há, no entanto, profundas discordâncias em outros pontos, como, por exemplo, com relação às raízes ibéricas, que um quer cultivar e o outro negar.

Especificamente quanto às aproximações entre as teses de *Casa grande & Senzala* e *Raízes do Brasil*, tanto Gilberto Freyre quanto Sérgio Buarque de Holanda compartilham de uma visão psicológica e culturalista da história e de uma descrição positiva do português, que teria sido mais capaz de adaptar-se aos costumes dos povos colonizados do que os demais colonizadores europeus. É, contudo, em relação a este último aspecto, que decorrem também as divergências entre os dois autores. Enquanto Gilberto Freyre valoriza a colonização portuguesa e sua influência, legitimando o domínio das oligarquias enraizadas no passado colonial e acentuando a continuidade, Sérgio Buarque de Holanda defende a ruptura, ao afirmar que a modernização social e política do Brasil exigia o rompimento com o passado colonial e o aprofundamento da revolução brasileira. Sérgio Buarque de Holanda propõe a erradicação dos implantes malogrados e o preparo do solo para as novas instituições reclamadas pelas novas personagens históricas no cenário pós-Revolução de 1930.

IHU On-Line - Como podemos retomar o conceito de “homem cordial” nos dias de hoje? Quem é o homem cordial contemporâneo? É o mesmo descrito por Buarque de Holanda?

Eliane Fleck - Embora a palavra cordialidade seja entendida comumente como concórdia, bondade, quase subserviência, em *Raízes do Brasil* a palavra cordial é empregada em seu sentido etimológico, isto é, cordial vem de *cor, cordis* - coração, em latim. Tomando a expressão *homem cordial* de empréstimo do escritor Ribeiro Couto, Sérgio Buarque de Holanda o descreve como aquele que, dotado de “um fundo emotivo

extremamente rico e transbordante”, age e reage sob a influência dominadora do coração. A cordialidade significa, então, passionalidade, aversão a todo convencionalismo ou formalismo social e tanto pode ser positiva como agressiva. Esse conceito estaria associado às *Raízes* que remontariam ao período colonial marcado por “uma suavidade dengosa e açucarada” e por “uma acentuação singularmente enérgica do afetivo, do irracional, do passional”. A esfera, por excelência, do homem cordial seria aquela que representava o oposto do Estado, a família, na qual predominavam os laços de sangue e de afeto e não as leis. Apesar de *Raízes do Brasil* ter sido publicado em 1936, num contexto econômico-político e sociocultural bastante distinto daquele que vivemos neste início do século XXI, a descrição do tipo-síntese do brasileiro feita por Sérgio Buarque de Holanda permanece bastante atual, na medida em que se mantêm as relações politicamente promíscuas entre o Estado, os governos e as classes dominantes e as relações interpessoais são, ainda, fortemente marcadas pelo uso da cordialidade por ele diagnosticada, perceptíveis na indiferenciação entre o público e o privado. Essa tipologia comportamental foi e é, ainda, muitas vezes utilizada nos dias atuais, para explicar ou analisar diferentes realidades vivenciadas no Brasil. A cordialidade apontada por Sérgio Buarque de Holanda impregna a alma da brasilidade e pode ser associada ao famoso “jeitinho brasileiro”, à consagrada “lei de Gerson”, à máxima popular “Aos inimigos, a lei, aos amigos, tudo!” ou à qualquer outra forma de levar vantagem, sendo cordial e buscando o interesse próprio. Evidente a extrema atualidade da expressão.

IHU On-Line - Em *Raízes do Brasil* Buarque de Holanda defende uma valorização da cultura brasileira e faz a crítica aos “estrangeirismos”. Em que contexto se situam estas suas posições?

Eliane Fleck - Se nas primeiras décadas do século XX -

até 1940 - o ensaísmo ganhou projeção com base em reflexões pessoais e íntimas dos autores, marcadamente pela sua experiência subjetiva, na segunda metade do século, as ciências sociais se opuseram à narrativa mais fluida do gênero ensaístico. Nos anos 1990, contudo, com a quebra dos paradigmas rigidamente científicos, a academia passou a olhar com mais simpatia para a intuição e para o brilho das análises de intelectuais como Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda. Os ensaístas latino-americanos do século XX, em geral, debruçaram-se sobre a “questão não-resolvida” da identidade nacional dos países latino-americanos. Radiografias e diagnósticos das culturas nacionais serão constantes nesta literatura, cujos temas recorrentes serão o progresso e o papel do intelectual na sociedade. De acordo com Daniel Pizza (2002), Sérgio Buarque de Holanda “deixou uma obra que se destaca pela combinação de rigor e criatividade, capaz de unir a seriedade da pesquisa, a ousadia da interpretação e a consistência da análise (...) O paralelo plausível de seu trabalho intelectual é o de Octavio Paz, o grande ensaísta mexicano (...) a maior semelhança está na capacidade de ambos de interpretar seus países, suas origens culturais, com uma prosa que recorre a

metáforas”. Em sintonia com a produção de outros intelectuais latino-americanos, Sérgio Buarque de Holanda se inscreveu, também, na longa tradição de críticos da tendência de imitação de outras culturas, “o hábito de macaquear tudo quanto é estrangeiro”. Especificamente com relação ao Brasil, os alvos de sua crítica não eram a França ou a Inglaterra, mas os Estados Unidos, que o autor chamava com desdém de “civilização ianque”. Em artigo publicado em 1920, na Revista do Brasil, Sérgio Buarque de Holanda afirmava que o caminho que deveria ser seguido pelo Brasil era “o mais conforme ao nosso temperamento”, já que o “utilitarismo ianque não se coaduna absolutamente com a índole do povo brasileiro, que não tem semelhança nenhuma com a do norte-americano, da qual é o extremo oposto”. Essa crítica aos Estados Unidos como um modelo impróprio para os brasileiros se traduziu na convicção de que “o Brasil há de ter uma literatura nacional, há de atingir, mais cedo ou mais tarde, a originalidade literária”. Ao escrever *Raízes do Brasil*, publicado em 1936, Sérgio Buarque de Holanda manteve e aprofundou suas idéias em relação a essa questão, diante da crescente influência da cultura americana na América Latina e, em especial, no Brasil.

Um ensaio sobre a nossa história

ENTREVISTA COM RONALDO VAINFAS

*Em breve entrevista por e-mail à IHU On-Line, o professor de História, Ronaldo Vainfas, considera **Raízes do Brasil** um dos três principais ensaios de interpretação de nossa história publicados no século XX, juntamente com o **Casa Grande e Senzala**, de Gilberto Freyre, e o **Formação do Brasil Contemporâneo**, de Caio Prado Jr.*

Vainfas possui graduação em História pela Universidade Federal Fluminense (1978), mestrado em História pela Universidade Federal Fluminense (1983) e doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo (1988). Atualmente é professor titular da Universidade Federal Fluminense. O professor falou sobre A heresia dos índios: catolicismo e rebeldia no Brasil colonial, no dia 27 de outubro de 2005 no III Ciclo de Estudos sobre o Brasil, do IHU. Também concedeu entrevista na edição 161, de 24 de outubro de 2005, da IHU On-Line.

IHU On-Line - Como podemos fazer uma releitura do livro **Raízes do Brasil**, de Sérgio Buarque de Holanda, hoje? O que significa reler essa obra nos dias atuais?

Ronaldo Vainfas - Este é um dos três principais ensaios de interpretação de nossa história publicados no século XX, juntamente com **Casa Grande e Senzala**, de Gilberto Freyre, e **Formação do Brasil Contemporâneo**, de Caio Prado Jr. Os grandes temas de pesquisa, sobretudo quanto ao período colonial, estão nestes três livros.

IHU On-Line- Quais os limites da obra?

Ronaldo Vainfas - Trata-se de uma coletânea de ensaios relativamente curtos e desiguais quanto à profundidade da reflexão. Dos três livros que citei, talvez **Raízes** seja o que menos aprofunde suas teses. Ainda assim é um ensaio de fôlego.

IHU On-Line - Em que aspectos **Raízes do Brasil** mais avança?

Ronaldo Vainfas - **Raízes** avança principalmente ao propor contrastes entre a colonização espanhola e a portuguesa na América, mostrando o perfil mais "civilizacional" dos espanhóis, visto, por exemplo, na construção das cidades, à diferença do estilo feitorial português. Esta é uma comparação que Sérgio Buarque de Holanda aprofundaria em obras posteriores, como **Visão do Paraíso**. Mas há também outras comparações menos salientes, como a que faz entre a colonização portuguesa e a inglesa na América do Norte. De modo que **Raízes** avança muito no recurso às comparações históricas no espaço e no tempo.

IHU On-Line - Em que medida a obra ajuda a compreender o Brasil de hoje?

Ronaldo Vainfas - Permite ver muito bem a confusão entre o público e o privado que marcou nossa formação histórica. Este é hoje um problema do Brasil que obviamente não se explica somente pelas nossas "raízes". Mas elas têm seu peso.

IHU On-Line - Que tipo de sociedade é descrita por Buarque de Holanda e o que ela tem a ver com a sociedade brasileira atual?

Ronaldo Vainfas - Sérgio Buarque de Holanda descreve menos do que interpreta. E trata de três tempos: o colonial, com mais profundidade; o século XIX, mais rapidamente; e as primeiras décadas do século passado. A colonização portuguesa é, em Sérgio Buarque de Holanda, predatória, latifundista, escravista e o que mais o autor destaca é a não superação de vários arcaísmos, apesar da independência, da abolição da escravidão e da proclamação da República.

Sérgio Buarque de Holanda frisa sempre, em *Raízes*, nossas origens ibéricas, sobretudo portuguesas, e fala pouco de índios e africanos. À diferença de Gilberto Freyre, por exemplo. Aliás, o livro não está preocupado em tratar do povo ou de suas origens, mas de padrões socioculturais mais abstratos.

IHU On-Line - Como podemos retomar o conceito de "homem cordial" nos dias de hoje? Quem é o homem cordial contemporâneo? É o mesmo descrito por Buarque de Holanda?

Ronaldo Vainfas - O homem cordial de Sérgio Buarque é, em poucas palavras, o homem infenso a protocolos, o homem passional, que age mais pelo coração do que pela razão. Não tem nada a ver com conformismo e passividade do caráter brasileiro, como já se disse. Além disso, este não me parece ser aspecto essencial do *Raízes*.

IHU On-Line - Buarque defende uma valorização da cultura brasileira. Como isso se aplica hoje, diante de cada vez maior diversidade cultural? E como isso acontece no caso da América Latina? Temos uma cultura latino-americana que é valorizada?

Ronaldo Vainfas - Sérgio Buarque de Holanda lastima muito a herança cultural ibérica em vários aspectos. É um intelectual forjado no Modernismo dos anos 1920. Mas, francamente, para responder à sua pergunta completa aqui eu teria que escrever um artigo!

Memória

Milton Friedman (1912-2006)

Confira o artigo sobre o economista Milton Friedman, um dos mais do século XX e um dos mais influentes teóricos do liberalismo econômico, nas Notícias Diárias do dia 17-11-2006 no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu). Leia também a matéria a respeito do evento Ciclo Repensando os Clássicos da Economia, onde a obra de Friedman foi o tema, discutido pelo Prof. Dr. da Unisinos Roberto Camps, nas Notícias Diárias do dia 25-10-2006.

Milton Friedman sempre defendeu idéias que, a princípio, causaram grande polêmica, mas com o tempo revelaram-se soluções econômicas sensatas e desejáveis. Defendeu a extinção pura e simples do Federal Reserve (Banco Central americano) e do Fundo Monetário Internacional porque suas equivocadas políticas monetárias têm causado enormes danos à economia americana e à mundial. Demonstrou em suas obras como economia de mercado pode trazer mais prosperidade e riqueza para os indivíduos do que qualquer outra forma de organização social. Também deu uma série de conselhos práticos para diminuir o tamanho do Estado e deixar os cidadãos mais livres para perseguirem seus próprios objetivos.

Por suas realizações nos campos da análise do consumo, da história monetária e da teoria e demonstração da complexidade da política de estabilização, ele ganhou o Prêmio Nobel de Economia de 1976.

Artigo da semana

Uma análise do sítio do IHU

Recebemos e publicamos o artigo de Cesar Sanson, pesquisador do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT - com sede em Curitiba. Sanson é doutorando em Ciências Sociais na UFPR e autor dos Caderno IHU Idéias no. 60 com o título A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida.

"Não é exagero afirmar que para quem deseja se informar sobre a conjuntura política, econômica, do movimento social e eclesial, um dos melhores sítios do Brasil hoje é do IHU [www.unisinos.br/ihu]. Atualizado diariamente, desde às 5h da manhã, e cuja 'newsletter' é enviada, pontualmente, às 8hs da manhã de segunda a segunda - uma singularidade, uma vez que são raros os sítios que são atualizados nos finais de semana, o portal do IHU fornece informações que permitem uma síntese dos principais acontecimentos nacionais, latino-americanos e mundiais.

Reunindo material da grande imprensa nacional, internacional, mas também de fontes alternativas como de sítios vinculados a movimentos sociais, as Notícias Diárias trazem um apanhado inteligente dos principais temas em debate. Inteligente porque a despeito de reproduzir notícias, reportagens, entrevistas e análises, o sítio as filtra e com agudeza traz à tona as questões mais relevantes junto ao que acontece na política, na economia, no mundo da igreja, no movimento social e do movimento cultural.

Uma leitura atenta revela que a seleção de material obedece a alguns critérios. Um deles é o de chamar a atenção para acontecimentos ou conteúdos que mesmo sem estar na pauta da grande mídia são portadores de mensagens novas, como por exemplo, o que acontece em Oaxaca no sul do México. Hoje no Brasil, o IHU, ao lado

do Centro de Mídia Independente (CMI), é o sítio que melhor acompanha os fatos que envolvem a insurreição popular no estado mexicano. Basta digitar "Oaxaca" no espaço de "busca" do sítio do IHU para se perceber a qualidade do material que se orienta a partir de um olhar dos movimentos sociais - debate interessantíssimo para quem no Brasil participa das pastorais sociais, da CMS, do movimento Consulta Popular ou da Assembléia Popular. Qual é o veículo da grande imprensa, e mesmo dos sítios ligados aos movimentos sociais que têm dado destaque para o que acontece em Oaxaca? Um exemplo é a abordagem fraca e burocrática do sítio da Adital [www.adital.org.br], que dada sua natureza latino-americana deveria estar mais aceso para o que acontece no México. Mesmo o jornal Brasil de Fato, ligado aos movimentos sociais, não se deu conta da originalidade do movimento oaxaqueño, talvez por estar muito preso a matriz de análise do MST.

Outro indicador que aponta para os critérios das informações do sítio do IHU é a abordagem às eleições nicaraguenses. Enquanto a grande imprensa nacional tratava o assunto a partir das agências internacionais e os partidos de esquerda brasileiros e, grande parte do movimento social, festejava a eleição de Daniel Ortega a partir de leituras simplistas, o sítio do IHU apresentou por sucessivos dias um debate intenso e riquíssimo acerca da ética utilitarista adotada pela FSLN. Um

debate de altíssimo nível e que joga luzes sobre o que aconteceu no PT e no governo Lula. Debate estratégico para o futuro da esquerda.

Da mesma forma, o sítio do IHU tem contribuído para complexificar debate ralo em torno da obsessão desenvolvimentista que tomou conta do Brasil. Contrapondo ao quase consenso nacional de que é preciso crescer e crescer, numa abordagem criativa e ousada, o sítio tem dado relevo ao questionamento se de fato é possível querer crescer obsessivamente sem comprometer o futuro da nação. O que o sítio do IHU sugere é o tipo de sociedade que se quer e a oportunidade ou não do Brasil iniciar decididamente o novo milênio com uma nova modalidade de projeto fundada no conceito de “sociedade sustentável”.

Outros conteúdos aqui poderiam ser citados, como por exemplo, a excelente cobertura do sítio em torno da recente premiação de Muhammad Yunus, agraciado com o Nobel da Paz. Não houve no Brasil sítio alternativo, ao menos dos mais conhecidos, que “aproveitou” o fato para dar uma ampla repercussão da essência da experiência que acontece em Bangladesh em torno do significado do microcrédito para os mais pobres. Um tema de extrema relevância para a Economia Solidária que no Brasil cada vez mais se afirma. Apenas para citar um exemplo, a Agência Carta Maior [agenciacartamaior.com.br], sítio da melhor qualidade e que se orienta 'pelo' e 'para' o movimento social, passou batido.

Outro tema, entre outros, que se poderia citar é o do trabalho. Quem acompanha o sítio percebe a sua sensibilidade para uma abordagem sempre perspicaz da temática, não raras vezes, para além das informações

conjunturais, foge do lugar comum. Ou seja, é subjacente à seleção dos conteúdos do sítio - não apenas informar - mas, sobretudo, contribuir com uma (re)leitura das questões importantes nessa transição de século que fustige novos paradigmas.

Outra novidade do sítio são as entrevistas inéditas diárias. De excelente qualidade, as entrevistas remetem para fatos candentes da conjuntura ou alertam para conteúdos laterais, mas nem por isso menos importantes. Uma das características das entrevistas é exatamente a sua transdisciplinaridade - a capacidade de transitar de um tema para outro sem perder consistência nas análises.

Finalmente, às segundas-feiras acrescentam-se às Notícias Diárias e as entrevistas, a revista do IHU - IHU On-Line. Hoje, sem sombra de dúvidas, uma das melhores revistas acadêmicas do Brasil. Para quem quiser um parâmetro de sua qualidade, basta cotejá-la com as também revistas eletrônicas publicadas pela USP [www.usp.br/jorusp] e pela Unicamp [www.unicamp.br], duas das mais conceituadas universidades brasileiras. Mas atenção. A revista IHU On-Line é mais do que acadêmica, ela está atenta com o que acontece na sociedade brasileira e mundial, não pretendendo ser uma revista universitária intra-muros.

Vale ainda destacar na página do sítio a possibilidade de acesso ao blog do IHU, embora de uso interno, como uma ferramenta de interatividade da equipe interna, o mesmo registra comentários sugestivos. Certamente o sítio apresenta limitações, mas entre as milhares de possibilidades disponíveis aos internautas, trata-se de um atalho para quem deseja informação inteligente, crítica apurada e debate em torno da crise civilizacional."

Filme da semana

Os infiltrados

O FILME A SEGUIR FOI VISTO E APRECIADO POR UM COLEGA DO INSTITUTO HUMANITAS (IHU)

Nome: Os Infiltrados

Nome original: The Departed

Origem: EUA

Ano produção: 2006

Gênero: Policial

Duração: 152 min

Classificação: 18 anos

Direção: Martin Scorsese

Elenco: Leonardo DiCaprio, Matt Damon, Jack Nicholson, Martin Sheen

Sinopse: Billy Costigan (Leonardo Di Caprio) foi recrutado pela polícia de Boston para se infiltrar na máfia local. Já a organização tem Colin Sullivan (Matt Damon) plantado entre os oficiais da cidade. Um não sabe da existência do outro, mas estão próximos a bater de frente.

Reproduzimos a seguir o comentário de Mário Abbade, publicado no site www.omelete.com.br em 9-11-2006:

Martin Scorsese é um dos maiores cineastas da história. Em qualquer lista concebida pela crítica especializada ou pelas instituições relevantes sobre os melhores filmes já feitos, consta alguma de suas produções. Infelizmente ele ainda não teve seu nome reconhecido por Hollywood. Toda vez que concorreu ao Oscar, o prêmio escapou de suas mãos já na prorrogação. Com Os Infiltrados (The Departed, 2006) talvez tenha chegado a hora. São 152 minutos de pura técnica e beleza. O filme já reservou seu espaço em futuras listas entre as obras-primas da sétima arte.

A história é baseada no eletrizante Conflitos Internos (Infernal Affairs, 2002), sucesso de Hong Kong co-dirigido por Alan Mak e Andrew Lau que ainda teve duas

continuações. Segundo Scorsese, ele e o roteirista William Monahan resolveram não assistir ao original e trabalharam em cima de uma tradução do roteiro de Mak e Felix Chong. O argumento é basicamente o mesmo, com algumas pequenas mudanças e reviravoltas. A grande diferença é que Scorsese o transformou em um legítimo produto com a sua assinatura.

A narrativa é recheada de tensão e violência. O que antes era uma guerra entre policiais e criminosos em Hong Kong, se tornou um combate entre a máfia irlandesa e a polícia de Boston. A premissa continua sendo sobre dois espões infiltrados: um na gangue dos bandidos, e o outro dentro do departamento de polícia. Ambos têm que participar de uma rede de intrigas,

traições e mentiras. A honra e a ética são colocadas de lado. A linha entre o paraíso e o inferno fica tênue. Tanto que o título original no mercado asiático era *Mou gaan dou*, o nível mais baixo do inferno no budismo. No filme de Scorsese, esses homens são comparados a ratos, termo usado para denominar traidores nos Estados Unidos.

O filme abre com uma frase que já nasce antológica: "Eu não quero ser um produto do meio ambiente. Eu quero que o meio ambiente seja um produto meu." Ela é dita por Frank Costello (Jack Nicholson). Estamos no começo dos anos 1980, e Costello é um mafioso irlandês. Ele adota como protegido o garoto Colin Sullivan. Suas intenções não são as melhores possíveis. O objetivo foi criar um relacionamento com alguém que pudesse servi-lo no futuro. Acompanhamos o crescimento de Sullivan (Matt Damon). Aluno número um em todos os estabelecimentos de ensino que frequentou, acaba entrando para a academia de polícia e se forma com louvor. Com o tempo, consegue um lugar de destaque na força. Sullivan se torna o informante perfeito para ajudar Costello em sua escalada de crimes. Uma verdadeira cobra colocada no paraíso.

Ao mesmo tempo, conhecemos Billy Costigan (Leonardo DiCaprio), outro que também entra para a academia de polícia. A diferença é que sua família tem um histórico criminal e ligações com a máfia irlandesa. Isso o torna o perfeito candidato para ser infiltrado na gangue de bandidos pelo chefe de polícia Oliver Queenan (Martin Sheen). Costigan é a contraparte de Sullivan, uma espécie de anjo dentro do inferno. Todas essas cenas acima formam um pequeno prólogo de seqüências magistralmente registradas por Scorsese. As cenas de Sullivan começam fechadas e se abrem. As de Costigan são abertas e se fecham. Com isso percebe-se que o mundo de Sullivan ganhou outra dimensão, contrário ao de Costigan.

Por quanto tempo um homem consegue esconder sua verdadeira identidade e seu caráter? Ambos, Sullivan e Costigan, são assombrados pelos mesmos dilemas morais. Scorsese ainda cria mais um fator de conexão entre os dois espões no triângulo amoroso com a personagem da psicóloga da polícia, Madolyn (Vera Farmiga). E nesse ponto, os protagonistas equilibram a balança. Interessante que ambos possuem uma figura paterna. Sullivan em Costello e Costigan em Queenan. Scorsese desenvolve esse relacionamento baseado na emoção e no instinto de sobrevivência. São dois mundos contrastantes, mas que precisam um do outro para existir.

Para que o confronto entre duas realidades tão dispare funcionasse, era necessário atores que pudessem dar credibilidade a sentimentos obscuros. Scorsese tira o melhor de cada um. Em seu primeiro trabalho com o diretor, Nicholson está brilhante. Sua presença na tela é hipnótica. Suas falas são engraçadas, pelo jeito que ele as pronuncia. Um talento nato para ser irônico e subversivo. O público ri, mesmo sabendo dos mais diversos atos nefastos realizados por ele. DiCaprio e Damon agem distintamente: o primeiro mais emocional e desesperado, Damon mais dissimulado. Ele tem um caminho mais difícil que DiCaprio, pois acaba provocando ódio no espectador. Mas com expressões suaves ele dá conta do recado com extrema eficiência.

Todas as interpretações ganharam em dimensão devido à colaboração da equipe técnica. A fotografia de Michael Ballhaus enriquece cada plano com uma cor sombreada, sugerindo ambigüidade em diversos personagens. Fica a impressão de que nesse universo desenvolvido por Scorsese existem outros "ratos". A edição de Thelma Schoonmaker corrobora essa premissa com uma série de eventos que, por nenhum instante, deixam o espectador confuso. Pelo contrário, a curiosidade é aguçada a cada nova seqüência. Mesmo sendo encenado nos dias de hoje, sentimos em *Os Infiltrados* um certo clima de produção

ambientada nos anos 1970. Época que os filmes retratavam pessoas amorais e ambíguas sem muita preocupação com o politicamente correto. Gente que fazia sexo, xingava, matava e morria violentamente de forma extremamente realista. Tudo isso embalado por uma mistura de rock e opera na trilha sonora.

Muitas de suas cenas se enriquecem visualmente com composições famosas dos Rolling Stones, Pink Floyd e John Lennon. O mesmo estilo de Cassino e Os Bons Companheiros, outros dois filmes do cineasta. Por sinal, uma seqüência com Costigan e dois mafiosos italianos é visivelmente inspirada em Os Bons Companheiros.

Impossível não traçar paralelos com a cena em que o mafioso recém-saído da prisão apanha por ter humilhado o personagem de Joe Pesci. As motivações não são as mesmas, mas a violência em ambos os casos é um exercício de estética. Da mesma a forma, na cena do elevador envolvendo Costigan e Sullivan, o orgasmo visual acontece em segundos. A catarse é instantânea.

Os Infiltrados marca a volta de Scorsese ao caos urbano, ao mundo do crime repleto de gângsteres trágicos, ambiente em que ele é mestre. Mas dessa vez a ação também é concentrada no dia-a-dia dos policiais. Pois "ratos" não são um privilégio exclusivo dos bandidos.

Outros comentários

REPRODUZIMOS TAMBÉM A OPINIÃO DE ALYSSON OLIVEIRA SOBRE O FILME *OS INFILTRADOS*, QUE FOI PUBLICADO NO SITE WWW.CINEWEB.COM.BR, EM 6-11-2006, E O COMENTÁRIO DE HÉLIO NASCIMENTO, PUBLICADO NO JORNAL DO COMÉRCIO, EM 17-11-2006:

“Neste filme, o diretor (Martin Scorsese) orchestra uma verdadeira ópera sobre violência e lealdade, no melhor do seu estilo, carregando os personagens e tramas com ambigüidades e situações paralelas.

Scorsese dirige um filme com um vigor que não se vê há muito tempo - provavelmente desde Os Bons Companheiros. Os Infiltrados já tem um lugar de destaque na obra do diretor.”

Hélio Nascimento, no artigo Ratos e Homens, publicado no Jornal do Comércio, 17-11-2006:

“Por seu filme ser sobre uma sociedade no qual o uso da máscara e do disfarce se tornou essencial, Os Infiltrados termina sendo um relato sobre um teatro onde personagens verdadeiros são atores destinados a enganar outros personagens que também estão interpretando uma peça. Eis um filme que explora com grande habilidade um tema que os filmes de espionagem já haviam antes abordado. Scorsese, porém, fá-lo de uma forma inteiramente nova, concluindo com uma cena reveladora, uma verdadeira definição, depois que tudo é extinto em nome da lei, da ordem e da civilização”.

Frases da semana

De Saramago para Lula

“Não preciso dizer que Lula era o meu candidato, mas também não preciso dizer que espero, que exijo... muito mais dele no mandato que agora vai começar. Não discuto seu direito de afastar-se de Hugo Chávez e de Evo Morales, mas permito-me recomendar-lhe que não vá para a cama todos os dias com o Fundo Monetário Internacional... E que não se esqueça dos problemas sociais do Brasil. Lula já deve ter percebido que o poder não só intoxica, como cega. Abra os olhos, presidente. Sobretudo não permita que fechem seus olhos. Era preciso tê-los fechados, para não ver o que se passava no PT” - **José Saramago**, prêmio Nobel de Literatura - **Zero Hora**, 14-11-2006.

Crescimento econômico

“É preciso batalhar para conseguir atingir um PIB de 5%. Não quero mais desculpas no fim do ano” - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República - **O Globo**, 15-11-2006.

“O presidente Lula acha que temos que ser ousados para não corrermos o risco de não crescermos efetivamente taxas elevadas” - **Guido Mantega**, ministro da Fazenda - **O Globo**, 15-11-2006.

“É difícil acreditar num crescimento sustentado a 4% ou 5%” - **Luiz Guilherme Schymura**, diretor do Instituto Brasileiro de Economia - **Estado de S. Paulo**, 15-11-2006.

“Nos próximos anos, o crescimento chega a 4% na melhor hipótese” - **Tomás Málaga**, economista-chefe do Banco Itaú - **Estado de S. Paulo**, 15-11-2006.

“Os economistas de “A” a “Z” com quem eu converso só me apresentam a mesma cartilha. Não é possível” - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República - blog de **Ricardo Noblat** - 16-11-2006.

2010... O Governo Lula só terá 2 anos?

“Doutor Tancredo [Neves] dizia: ‘A expectativa de poder atrai muito mais do que o poder presente. Lula é um poder que vai perder um pouquinho de força a cada mês. Vai reunir uma grande aliança numérica. Mas em 2008 o governo Lula começará a declinar fortemente’” - **Aécio Neves**, governador de Minas Gerais - PSDB - blog de **Josias de Souza**, 15-11-2006.

“Com as eleições municipais, todos que estiverem em torno do governo vão sugar o que puderem, para fortalecer as suas bases eleitorais, a começar pelo PMDB. Na hora que terminar 2008, vai ser impossível segurar 2010. As forças políticas que estiverem com Lula começarão a se agregar em torno da expectativa de poder futuro” - **Aécio Neves**, governador de Minas Gerais - PSDB - blog de **Josias de Souza**, 15-11-2006.

“O ano de 2008 será uma espécie de final antecipado para o governo Lula” - **Aécio Neves**, governador de Minas Gerais - PSDB - blog de **Josias de Souza**, 15-11-2006.

“O segundo mandato de Lula nem começou, e o assunto que consegue animar os comentários, o noticiário e a própria política é a eleição presidencial de 2010. “Aécio pode disputar pelo PMDB”/ “Serra quer fazer um partido para se candidatar”/ “Temos que refundar o PSDB”/ Até eles: “O PFL vai ter candidato à Presidência na próxima sucessão”. Perdi a conta dos artigos, notícias e entrevistas mais evidentes que tentei enumerar, na

última semana, com referência à eleição presidencial de 2010. Isso é que é país do futuro" - **Janio de Freitas**, jornalista - Folha de S. Paulo, 19-11-2006.

Ser magra

"Ser magra é mais importante do que ser saudável" - uma comunidade com 2.150 membros no Orkut - **Folha de S. Paulo**, 16-11-2006.

Coragem

"O que mais se precisa na filosofia brasileira é de coragem" - **Roberto Machado**, filósofo - **Folha de S. Paulo**, 14-11-2006.

Ensino Público

"No caso da USP, o maior contingente dos que não têm tido sucesso no vestibular é formado pelos alunos oriundos do ensino médio público" - **Suely Vilela**, reitora da USP - **Folha de S. Paulo**, 19-11-2006.

Destaques On-Line

DESTAQUES DAS NOTÍCIAS DIÁRIAS DO SITE DO IHU

Essa editoria veicula notícias e entrevistas que foram destaques nas Notícias Diárias do sítio do IHU. Apresentamos um resumo dos destaques que podem ser conferidos, na íntegra, na data correspondente.

Entrevista com Venício Lima

Título: Mídia e Política

"Eu acho que a cidadania organizada tem o direito de reivindicar a pluralidade na cobertura jornalística na radiodifusão, o que ela nem sempre oferece". Essa foi uma das afirmações do doutor em comunicação, Venício Lima, em entrevista concedida, por telefone, à *IHU On-Line*. Confira a entrevista na íntegra nas *Notícias Diárias* da página do IHU (www.unisinos.br/ihu) no dia 14-11-2006.

Entrevista com José Reginaldo Prandi

Título: As religiões afro-brasileiras

José Reginaldo Prandi falou em entrevista à *IHU On-Line* sobre as religiões afro-brasileiras. Atualmente é Professor Permanente da Pós-Graduação da Universidade de São Paulo. Confira a entrevista na íntegra nas *Notícias Diárias* da página do IHU (www.unisinos.br/ihu) no dia 13-11-2006.

Entrevista com Roberto D'Ávila

Título: Ortotanásia. Os benefícios de não prolongar a morte

"Eu não quero ficar sofrendo desnecessariamente numa UTI se posso morrer na minha casa, com a minha família, como um esquema de apoio e de conforto". Esse é o pensamento do médico cardiologista Roberto D'Ávila, presidente do Conselho Federal de Medicina. Confira a entrevista na íntegra nas *Notícias Diárias* da página do IHU (www.unisinos.br/ihu) no dia 15-11-2006.

Entrevista com Álvaro Valls

Título: "Uma Filosofia brasileira surgirá com tempo e muito trabalho"

Em 2008, na primeira quinzena de outubro, o *XIII Encontro Nacional de Filosofia da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF)* acontecerá no Rio Grande do Sul. Isso porque o novo presidente da Anpof é o Prof. Dr. Álvaro Valls, docente na graduação e pós-graduação em Filosofia da Unisinos. Confira a entrevista na íntegra nas *Notícias Diárias* da página do IHU (www.unisinos.br/ihu) no dia 16-11-2006.

Entrevista com Simón Pachano

Título: As eleições equatorianas. Futuro político incerto.

Em 24 de novembro, o Equador deverá escolher seu novo presidente no segundo turno das eleições. No primeiro turno, 13 candidatos enfrentaram-se, expressando fragmentação da campanha. Em entrevista concedida por e-mail à *IHU On-Line*, o doutor em Sociologia, **Simón Pachano**, falou sobre o cenário eleitoral equatoriano. Confira a entrevista na íntegra nas *Notícias Diárias* da página do IHU (www.unisinos.br/ihu) no dia 17-11-2006.

Entrevista com Dom Tomás Balduino**Título: Pela defesa dos índios e camponeses.**

Dom Tomás retoma as questões agrária do Brasil e a dívida com os indígenas, verdadeiros donos das terras brasileiras. Confira a entrevista na íntegra nas *Notícias Diárias* da página do IHU (www.unisinos.br/ihu) no dia 18-11-2006.

Entrevista com Carlos Seabra**Título: Enquadramento da Internet. "Seria o mesmo que cada lápis comprado tivesse que ser cadastrado".**

Foi retirado da pauta de votação do Senado o projeto de lei que regulamenta os crimes da internet. Depois de muita polêmica, ficou destacada a necessidade de maior discussão da sociedade a respeito do assunto. Confira a entrevista na íntegra nas *Notícias Diárias* da página do IHU (www.unisinos.br/ihu) no dia 18-11-2006.

Os Dramas da Água, a pior das pobreza. Artigo de Washington Novaes

"Quem investirá para implantar redes de água e esgotos nas áreas pobres de cada cidade, onde os moradores não têm como pagar, em suas contas, o investimento? Fala-se em 'subsídios cruzados', com os outros usuários (ou o Estado) arcando com esses custos; mas isso quase não tem acontecido, mesmo onde seria possível; e será ainda mais complicado em municípios onde o saneamento for privatizado". Confira o artigo na íntegra nas

Notícias Diárias da página do IHU (www.unisinos.br/ihu) no dia 17-11-2006.

Entrevista com Jean-Pierre Leroy**Título: "Não vejo condição, no contexto atual, de barrar o avanço da destruição ambiental".**

A área ambiental, assim como o Ministério do Meio Ambiente, realmente não foi um dos setores mais festejados ou acariciados neste primeiro mandato de Lula. Pelo contrário. Tanto entre os setores produtivos quanto no interior do próprio governo, a questão ambiental e o cumprimento da legislação foram repetidamente taxados como "fatores retardadores do desenvolvimento". Confira a entrevista na íntegra nas *Notícias Diárias* da página do IHU (www.unisinos.br/ihu) no dia 16-11-2006.

Brincando de deus, versão 2006. Artigo do biólogo Fernando Reinach.

"Antes de nós, muitas espécies bem-sucedidas causaram tamanho estrago no ambiente em que viveram e terminaram por inviabilizar sua própria existência. Punir com a extinção essas espécies faz parte do processo de seleção natural". Confira o artigo na íntegra nas *Notícias Diárias* da página do IHU (www.unisinos.br/ihu) no dia 15-11-2006.

"Essa mídia tradicional não vai mudar. Deve até piorar".**Artigo de Paulo Henrique Amorim.**

"O que está acontecendo no Brasil é um fenômeno típico da América Latina: correntes políticas conservadoras controlam os meios de comunicação tradicionais - a chamada mídia tradicional. E não tem saída. Porque essa mídia tem de ser fiel ao público dela, não pode correr o risco de tentar conquistar um outro público e perder o atual, que é um público conservador, tradicional". Confira o artigo na íntegra nas *Notícias Diárias* da página do IHU (www.unisinos.br/ihu) no dia 15-11-2006.

Eventos

A nanotecnologia e o impacto na sociedade

II CICLO DE ESTUDOS DESAFIOS DA FÍSICA PARA O SÉCULO XXI: UM DIÁLOGO DESDE A FILOSOFIA

Os impactos sociais das nanotecnologias são inúmeros, disse o sociólogo Paulo Roberto Martins em entrevista por e-mail à IHU On-Line. E acrescenta: “Podemos dizer que, quanto à nanociência, a produção brasileira está no mesmo nível de qualidade do que é produzido na Europa ou nos EUA. O que não há é a possibilidade de se comparar os trabalhos em quantidades absolutas”. As afirmações adiantam aspectos da palestra que Martins ministrará em 22-11-2006, na Sala 1G119 do IHU, das 17h30min às 19h, intitulada A nanotecnologia e o impacto na sociedade. A atividade faz parte do II Ciclo de Estudos Desafios da Física para o Século XXI: um diálogo desde a Filosofia.

Martins é pesquisador do Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT), de São Paulo. Cursou graduação em Sociologia e Política na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP) e mestrado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Sua tese intitula-se Trajetórias Tecnológicas e Meio Ambiente: A Indústria de Agroquímicos/Transgênicos no Brasil. Organizou a obra Nanotecnologia sociedade e meio ambiente. São Paulo: Xamã, 2006. Na edição 120 da IHU On-Line, de 25-10-2004, intitulada O mundo desconhecido das nanotecnologias, disponível através do site www.unisinos.br/ihu, concedeu a entrevista O debate da nanociência exige a definição de um projeto estratégico para o país. Sobre o tema, conferir ainda as entrevistas especial com Wictor Carlos Magno, Nanotecnologia e nanociência, publicada em 19-10-2006, e ONG questiona benefício social da nanomedicina, publicada em 12-11-2006, ambas disponíveis para download no site do IHU.

Nanotecnologia no Brasil sem qualquer controle social

ENTREVISTA COM PAULO ROBERTO MARTINS

IHU On-Line - Quais são os maiores impactos da nanotecnologia na sociedade?

Paulo Roberto Martins - Não podemos falar em nanotecnologia no singular, mas sim em nanotecnologias, pois são de diversas matizes (diversas técnicas de manipular átomos e moléculas). Os impactos das nanotecnologias na sociedade são inúmeros. Por exemplo, no trabalho, muitos postos de trabalho poderão deixar de existir. Com a produção de vidro autolimpantes (um filme com componentes nano impede a aderência de qualquer coisa ao vidro) poderá significar a extinção do limpador de pára-brisa nos veículos. Logo, as fabricas de limpadores de pára-brisa deixarão de existir e, conseqüentemente os empregos. Este é apenas um exemplo do impacto da nanotecnologia na sociedade.

IHU On-Line - Que relações podem ser estabelecidas entre nanotecnologia, sociedade e meio ambiente?

Paulo Roberto Martins - Ao possibilitar a manipulação de átomos e moléculas, a nanotecnologia proporciona a construção em laboratório de novos materiais (encadeamento de átomos e moléculas não encontrados na natureza) e de produtos híbridos (junção de matéria animada com inanimada, também não-existente na natureza). Tanto os novos materiais como os produtos híbridos podem ser qualificados como uma "nova natureza"¹. A interação entre a natureza (nos seus diversos ecossistemas) e a "nova natureza" é algo que não sabemos no que vai dar, e tampouco temos pesquisas em curso para saber o que poderá ocorrer desta interação. A sociedade, por sua vez, será afetada pela nanotecnologia

¹ Nova natureza: sobre o tema, confira a edição nº 200 da *IHU On-Line*, de 16-10-2006, disponível para download no site do IHU, www.unisinos.br/ihu. (Nota da *IHU On-Line*)

conforme ela for incremental (neste caso a sociedade já tem experiência anterior) ou revolucionária (neste caso a sociedade não tem experiência prévia, como poderá ser o caso dos nanorrobôs). Com relação à sociedade, a nanotecnologia poderá determinar a destruição de postos de trabalho via fechamentos de fábricas e/ou ramos industriais e induzir o nascimento de outras fábricas e/ou ramos industriais em que novos conhecimentos serão exigidos da força de trabalho para que ela possa continuar. As nanotecnologias irão aprofundar o fosso (*gap*) que separa as sociedades desenvolvidas das sociedades subdesenvolvidas? Ou será uma tecnologia que possibilitará a diminuição deste fosso? Certamente esta é uma das relações que se estabelecerá entre nanotecnologia e as sociedades neste mundo globalizado.

IHU On-Line - E quais são as perspectivas que a nanotecnologia pode trazer para a descoberta de novos tratamentos de saúde e soluções alimentares?

Paulo Roberto Martins - No campo da medicina, a nanotecnologia deverá contribuir para diagnósticos via os chamados chips laboratórios em que uma quantidade grande de exames poderá ser realizada on-line, em qualquer local, por um chip que faz isso, sem que a amostra tenha que ser encaminhada a laboratório. Outros aparelhos sofisticados de diagnósticos deverão indicar tratamentos preventivos para uma série de doenças, de tal forma que sejam eliminadas suas causas antes de elas se manifestarem. Quanto às soluções alimentares, eu diria o seguinte:

Fome - a fome reinante no mundo não é um problema tecnológico. Já existe capacidade produtiva para se alimentar toda a população do planeta. A fome no mundo é um problema de renda das pessoas. Quem passa

fome não tem renda para adquirir alimentos. Também vendida como a solução para a fome no mundo, a nanotecnologia não irá resolver este problema.

É possível que a nanotecnologia venha a alterar o padrão tecnológico agrícola hoje existente (insumos, fertilizantes, adubos, agrotóxicos, mecanização, tipo e qualidade de produtos, tipo e quantidade de produtores rurais, novos conhecimentos necessários) impondo novas soluções alimentares. Isto poderá implicar em novos incluídos e excluídos deste processo produtivo.

Uma agricultura mais “inteligente” via sensores on-line em toda a área plantada com transmissão e tratamento de dados também on-line poderá aumentar a produtividade agrícola, aumentar o capital mínimo para este tipo de atividade e deixar de produzir certas culturas que passam a ser “antieconômicas” nesta nova forma de organizar a produção agrícola.

IHU On-Line - Em 2004 o senhor concedeu entrevista à IHU On-Line falando sobre o projeto estratégico da nanotecnologia para o Brasil. Como definiria a situação desse projeto hoje, passados dois anos?

Paulo Roberto Martins - O projeto evoluiu na medida que tínhamos quatro redes de pesquisa e agora temos dez. Nenhuma destas dez redes pertence ao campo das ciências humanas, o que denota uma clara opção por uma visão não-multidisciplinar da nanotecnologia. Assim sendo, o projeto envolveu por esta razão, e também na medida que está sendo conduzido sem qualquer participação ou controle social, ficando apenas a cargo dos cientistas, Estado e empresas a deliberação sobre o *Programa Nano Brasil*.

IHU On-Line - E quanto à situação da pesquisa nessa área em nosso país? Houve progressos de 2004 para cá?

Paulo Roberto Martins - Sem discutir aqui o significado do que pode ser entendido por “progresso” da pesquisa

em nanotecnologia, podemos dizer que com relação à nanociência a produção brasileira está no mesmo nível de qualidade do que é produzido na Europa ou nos EUA. O que não há é a possibilidade de se comparar os trabalhos em quantidades absolutas. Portanto, o que se faz no Brasil neste campo, se faz com muito boa qualidade. No que toca à transformação daquilo que é produzido pela nanociência em nanotecnologia as intensas dificuldades ainda estão presentes, o que significa que não houve avanços significativos neste campo. As razões são variadas, mas a principal delas se refere à ausência de empresas inovadoras no parque industrial brasileiro.

IHU On-Line - No que diz respeito ao incentivo governamental à nanotecnologia, aconteceu algum incremento ou a situação permanece semelhante?

Paulo Roberto Martins - O incentivo governamental se ateve mais a iniciar uma segunda fase da nanotecnologia no Brasil com a construção de dez redes de pesquisas em novembro/2005 e a introdução da nanotecnologia na política industrial brasileira. Estes movimentos indicaram a um maior aporte de recursos para o desenvolvimento da nanotecnologia do que estava previsto no plano plurianual 2004/2007. Mais uma vez as ciências humanas foram excluídas deste processo de desenvolvimento da nanotecnologia.

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

Paulo Roberto Martins - Creio que um aspecto não questionado foi o relativo à participação pública e/ou controle social no desenvolvimento da nanotecnologia. No caso brasileiro, quase que integralmente, as pesquisas realizadas o são com recursos públicos. As prioridades para a alocação desses recursos públicos em pesquisas no campo da nanotecnologia não têm qualquer participação pública. As prioridades são definidas apenas

pelos “especialistas”, membros do governo federal, e empresários. Não há, portanto, controle social sobre

estas pesquisas.

Capitalismo e escravidão no Brasil Meridional: o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul, de FHC

I CICLO DE ESTUDOS SOBRE A FORMAÇÃO SOCIAL SUL-RIOGRANDENSE: CONTRIBUIÇÕES À LEITURA DE SEUS INTÉRPRETES

*Nesta quinta-feira, 23-11-2006, a Prof.^a Dr.^a Helga Piccolo, emérita da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) discute as idéias contidas no livro *Capitalismo e escravidão no Brasil Meridional: o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul*, de autoria do sociólogo Fernando Henrique Cardoso. A palestra compõe o cronograma de atividades do I Ciclo de Estudos sobre a Formação Social Sul-Riograndense: contribuições à leitura de seus intérpretes. Bacharelada e licenciada em Geografia e História pela UFRGS, Piccolo é especialista em Didática do Ensino Superior pela Unisinos, com doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). É autora da obra *Vida política no século 19. Da descolonização ao movimento republicano*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1991.*

A Profa. Dra. Berenice Corsetti, docente na Unisinos, historiadora e educadora, em entrevista especial para a IHU On-Line comenta o livro que ela estudou exaustivamente na elaboração da sua tese de mestrado.

*Corsetti é graduada em História pela Universidade de Caxias do Sul (UCS), especialista e mestre em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF) com a dissertação *Estudo da charqueada escravista gaúcha no século XIX*. Doutorou-se em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) com a tese *Controle e ufanismo: a escola pública no Rio Grande do Sul (1889-1930)*.*

IHU On-Line - Como se articulavam, na obra de Fernando Henrique Cardoso, capitalismo e escravidão no Rio Grande do Sul?

Berenice Corsetti - O trabalho de Fernando Henrique Cardoso, *Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional*¹, fez parte de um programa de investigação sobre a sociedade escravista no Brasil Meridional (Paraná, Santa

¹ CARDOSO, Fernando Henrique. *Capitalismo e escravidão no Brasil Meridional: o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

Catarina e Rio Grande do Sul), inicialmente proposto por Florestan Fernandes¹ para ampliar o conhecimento sociológico sobre o preconceito racial no Brasil alcançado em trabalhos anteriores de sua autoria e de Roger Bastide². O assunto fundamental da obra de Fernando Henrique Cardoso é a discussão desenvolvida sobre a formação, as características próprias e a desintegração da sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul, vistas “a partir da situação social que o negro nela assumia”³, o que pode ser colocado dentro de um perfil geral de interpretação seguinte:

A sociedade escravocrata gaúcha constituiu-se como uma tentativa para organizar a produção mercantil capitalista numa área onde havia escassez de mão-de-obra. Desde o início, contudo, o sistema assim constituído trazia em seu bojo um conjunto de contradições que definiam o travejamento básico de suas possibilidades de existência. A escravidão fora o recurso escolhido para organizar a produção em larga escala, visando ao mercado e ao lucro (formação do sistema capitalista), mas o desenvolvimento pleno do capitalismo (a exploração da mais-valia relativa) era, em si mesmo, incompatível com a utilização da mão-de-obra escrava, através da qual não é possível organizar técnica e socialmente a produção para obter a intensificação da

1 Florestan Fernandes (1920-1995): considerado o pai da sociologia brasileira, tem como principal obra o livro *A revolução burguesa no Brasil*. Esse livro foi apresentado no I Ciclo de Estudos sobre o Brasil, promovido pelo IHU em 9-10-2003, e apresentado pelo Prof. Dr. Carlos Águedo Nagel Paiva, pesquisador na FEE, que concedeu uma entrevista à IHU On-Line nº 78, de 6-10-2003. (Nota da *IHU On-Line*)

2 Roger Bastide (1898-1974): sociólogo francês. Em 1938 integra a missão de professores europeus à recém-criada Universidade de São Paulo (USP) para ocupar a cátedra de Sociologia. No Brasil, estudou por muitos anos as religiões afro-brasileiras, tornando-se um iniciado no candomblé da Bahia. Uma de suas obras mais importantes é *O Candomblé da Bahia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, bem como é *As Américas negras: as civilizações africanas no Novo Mundo*. São Paulo: EDUSP, 1974. (Nota da *IHU On-Line*)

3 CARDOSO, 1977, p. 23.

mais-valia relativa. Essas contradições se aguçaram e evidenciaram desde o momento em que a produção escravocrata gaúcha entrou em relações de competição com a produção assalariada platina, que acelerou sua desagregação.⁴

Mais especificamente, através das colocações que o autor faz no capítulo IV de seu trabalho⁵, nota-se que o objetivo de Fernando Henrique Cardoso é o de demonstrar as contradições do que denomina “sistema ‘escravocrata-capitalista’ de produção” e a sua impossibilidade de concorrer com a produção capitalista assalariada (no caso, a dos “saladeros” do Prata). E a conclusão do autor a respeito, inspirada por Eric Williams, pode ser extraída de suas palavras:

... o trabalho escravo numa economia capitalista (a escravidão moderna) apresenta-se como uma contradição em si mesmo, quando o sistema capitalista em que ele se insere tende ao crescimento. As tensões criadas por esse tipo de organização do trabalho não conduzem a supressão do sistema capitalista; colocam apenas o problema do término da escravidão como requisito para a formação plena do sistema mercantil-industrial capitalista. O desenvolvimento das forças produtivas, nestas condições, coloca a possibilidade da supressão pura e simples do sistema escravista, que passa a apresentar-se como um obstáculo para o desenvolvimento do capitalismo.⁶

Observa-se que, ao utilizar a noção de capitalismo, Fernando Henrique se vale do conceito weberiano de “capitalismo moderno”. Da mesma forma, percebe-se a inspiração em Weber para as considerações relativas à “irracionalidade do escravismo”. Em relação às “conseqüências anticapitalistas do trabalho escravo”, o

4 CARDOSO, 1977, p. 36.

5 Ibid., p. 155-86.

6 Ibid., p. 184.

fundamento do autor foi Marx e Caio Prado Júnior¹. A argumentação de Cardoso está intimamente vinculada a dois aspectos: 1) a demonstração do caráter ruinoso da concorrência desenvolvida pelo charque importado, que era produzido por mão-de-obra assalariada. Os produtores gaúchos produziam em condições econômicas desvantajosas perante os concorrentes platinos; 2) a comparação realizada por Louis Couty² entre as charqueadas do Rio Grande do Sul e os “saladeros” do Prata, ressaltando os elementos “irracionais” das primeiras. Segundo a análise de Couty, os charques e os couros do Rio Grande não podiam competir em condições normais de mercado, pois seu custo era maior, e isso acontecia porque o trabalho escravo apresentava menor produtividade que o trabalho livre do produtor platino. Daí, segundo Fernando Henrique Cardoso, é possível entender, também, as contradições internas do sistema escravista de produção, bem como os empecidos que esse tipo de organização do trabalho colocava à divisão do trabalho e ao desenvolvimento da técnica de produção e, portanto, à sua própria expansão. Por esse motivo, o sistema escravista estava condenado ao fracasso desde o instante em que competia com economias organizadas com fundamento no trabalho

¹ Caio Prado Júnior (1907-1990): pensador e político, que em 1942 publicou sua obra mais importante, *A Formação do Brasil Contemporâneo*, sofrendo perseguições devido ao seu alinhamento político com orientação comunista, tendo seu mandato cassado dois anos depois da publicação. Seu livro criou, porém, uma tradição historiográfica no Brasil, identificada sobretudo com o marxismo, buscando uma explicação diferenciada da sociedade colonial. Essa obra foi apresentada no evento I Ciclo de Estudos sobre o Brasil, promovido pelo IHU, em 14-08-2003, pela professora Marica Eckert Miranda, da Unisinos, que concedeu uma entrevista à *IHU On-Line* nº 70, de 11-08-2003. (Nota da *IHU On-Line*)

² COUTY, Louis. *L'Eclavage au Brésil*. Paris: Librairie de Guillaumin, 1981; *Le Maté et les Conserve de Viande*. Rapport à son excellence Monsieur le Ministre de l'Agriculture e du Commerce sur la mission dans les Provinces du Paraná, Rio Grande et les Etats du Sud. Rio de Janeiro: Faro & Limo, 1884.

livre. Esses aspectos, em minha opinião, expressam, no essencial, o pensamento de Fernando Henrique Cardoso, sobre capitalismo e escravidão no Rio Grande do Sul.

***IHU On-Line* - Como a obra de FHC, escrita em 1961, pode nos auxiliar a reler a situação das populações afro-descendentes em nosso País? Qual é a atualidade desse livro?**

Berenice Corsetti - Como já me referi anteriormente, os estudos desenvolvidos pela sociologia brasileira, tão brilhantemente desenvolvidos pelo grupo de pesquisa liderado por Florestan Fernandes e que articulou investigações que envolveram, além de Fernando Henrique Cardoso, outros pesquisadores, como Octavio Ianni³ e Maria Sylvia de Carvalho Franco⁴, trouxeram uma contribuição expressiva, no que tange a um maior conhecimento das relações sociais e raciais no Brasil. O contato com essa literatura é fundamental para que se percebam os fundamentos sociológicos e históricos do problema racial em nosso país. Nesse sentido, essa produção tem, em minha opinião, uma atualidade indiscutível, pelo conjunto de contribuições que oferece à compreensão do tema, mesmo que outros estudos tenham sido realizados sobre o assunto, o que só confirma a importância da obra de Cardoso e dos demais intelectuais que se envolveram com essa temática.

***IHU On-Line* - Um dos objetivos da obra de FHC era desmascarar o mito da democracia racial brasileira,**

³ Octavio Ianni (1926-2004): sociólogo brasileiro, autor de, entre outros, *Homem e sociedade* (1961), *Imperialismo e cultura* (1976) e *A sociedade global* (1992). (Nota da *IHU On-Line*)

⁴ Maria Sylvia de Carvalho Franco: cientista social brasileira. Na edição 165 da *IHU On-Line*, de 21-11-2005, intitulada *Intérpretes do Brasil: a redescoberta do Brasil como problema*, Carvalho Franco concedeu a entrevista *Violência e assistencialismo têm raízes na ordem escravocrata*. A pesquisadora foi responsável pela condução da última edição do III Ciclo de Estudos sobre o Brasil, quando apresentou, no dia 24-11-2006, a obra *Homens livres na ordem escravocrata*. São Paulo: Unesp, 1997. (Nota da *IHU On-Line*)

surgido após a abolição da escravatura, que queria esconder o preconceito racial e a desigualdade entre brancos e negros. A senhora acredita que a obra atingiu esse objetivo? Por quê?

Berenice Corsetti - Acredito que a obra de Fernando Henrique Cardoso contribuiu muito para isso, pois foi apresentada num momento em que a tese da democracia racial era muito presente na historiografia rio-grandense. Nesse contexto, ela problematizou eficazmente essa concepção, dando margem à sua contestação. A partir daí, trabalhos de pesquisa foram desenvolvidos, reforçando o questionamento do mito da democracia racial no Rio Grande do Sul, já que um conhecimento adequado das relações escravistas no cenário gaúcho demonstra a violência que imperava com a dominação dos senhores de escravos. As próprias charqueadas eram consideradas, pelos donos de escravos do centro do País, verdadeiros estabelecimentos penitenciários, para onde eram enviados os escravos rebeldes que desejavam punir. Ora, de democracia racial isso não tinha nada. Na realidade, essa visão vinculava-se a uma historiografia tradicional, de cunho elitista, que não encontra fundamento nos melhores estudos das ciências humanas que se envolveram com o assunto.

IHU On-Line - Quais são as formas atuais de exclusão sofridas pelos afro-descendentes que podem ser creditadas a esse passado escravocrata?

Berenice Corsetti - O passado escravocrata brasileiro deixou muitas marcas que a sociedade de nosso país busca superar. O trabalho, durante todo o período da escravidão, foi considerado coisa degradada, “coisa de negro”, o que ensejou a depreciação social da atividade produtiva. Os ideólogos republicanos necessitaram regatar o sentido ético do trabalho, relacionando-o, no projeto da República, com a construção da riqueza. Assim, a questão da exclusão dos afro-descendentes, em minha visão, relaciona-se não apenas a esse contexto de

nosso passado, em que a população de africanos foi compulsoriamente colocada, mas, também e sobretudo, às condições sociais que os afro-descendentes herdaram. Entendo que a exclusão dessa parcela expressiva de nossa gente tem a ver, assim, com a pobreza e a miséria presentes na realidade que a caracteriza.

IHU On-Line - Quanto à política de cotas para o ensino, ela é realmente eficaz ou acaba por reiterar a exclusão?

Berenice Corsetti - Tenho uma compreensão muito pessoal sobre a política de cotas. Como pesquisadora que tenho sido das políticas educacionais que caracterizaram a história brasileira, é minha compreensão que essa política expressa uma vontade afirmada de acelerar o resgate da dívida histórica que temos, como sociedade, com as populações indígenas e afro-descendentes, que foram alvo de perdas e exploração, no processo de construção nacional. Entendo, porém, que essa política deve ter um caráter conjuntural, não devendo se consolidar como A política para esses setores sociais, indefinidamente. Ela necessita ser conjugada com outras iniciativas que configurem uma intenção de política educacional de caráter estrutural, o que implica pensar essa questão ao lado de outras, como apoio à escola básica, ampliação do acesso com qualidade, acompanhamento da política de expansão do ensino superior, apoio às instituições que tenham compromisso com a qualidade acadêmica e não apenas com a oferta de vagas, entre outras. Desejo, assim, como historiadora e educadora, que a política de cotas possa dar uma contribuição importante para os fins a que foi proposta, mas que possamos superá-la, com ações de política educacional de mais amplo alcance.

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

Berenice Corsetti - A obra de Fernando Henrique

Cardoso foi alvo de meu interesse, quando realizei meu mestrado em História. Ao realizar um estudo sobre a charqueada escravista no Rio Grande do Sul, no século XIX¹, tive, em seu trabalho, uma importante referência. No entanto, entendi que o a tese da decadência das charqueadas, na perspectiva exposta pelo autor, situou-se numa controvérsia, já que, na historiografia argentina, encontramos a defesa da idéia oposta, ou seja, que, a partir de 1840, a concorrência das charqueadas do Rio Grande do Sul (e de outras regiões) explicaria a decadência dos “saladeros” da região de Buenos Aires. No estudo então desenvolvido, à luz de fontes históricas pesquisadas e que não haviam sido consideradas por Fernando Henrique, pudemos verificar que o processo de desestruturação da charqueada

¹ Estudo da charqueada escravista gaúcha no século XIX. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Fluminense, 1983.

escravista gaúcha teve seu elemento explicativo de maior peso no conjunto de características e modificações que marcaram a economia rio-grandense do período, e que denominamos de transição ao capitalismo dependente, periférico ou subdesenvolvido. Além disso, estudos do Prof. Dr. Leonardo Monastério² (UFPEL), em sua tese de doutorado em Economia, demonstraram, de forma significativa, que a escravidão, no Brasil e no Rio Grande do Sul, foi rentável até o seu final, o que nos leva a relativizar a tese central da obra de Cardoso, sem deixar de reconhecer a sua importância e qualidade, no campo da sociologia brasileira.

² Leonardo Monastério: economista brasileiro, professor na UFPEL, que em 17 e 18-08-2005, apresentou o tema *Entendendo o pensamento de Veblen*, na Livraria Cultura e no IHU, respectivamente, dentro das atividades do Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia. (Nota da *IHU On-Line*)

Conhecendo os insetos sociais: cupins e formigas

IHU IDÉIAS

*Segundo a Prof.^a Dr.^a Elena Diehl, cupins e formigas são insetos “eussociais”. Eles apresentam um comportamento agonístico, diz a pesquisadora, pois apresentam “comportamento agressivo entre indivíduos da mesma espécie que, em geral, estão competindo pelos mesmos recursos, seja para alimentação seja para construção do ninho.” Exemplos disso são “as mordidas, ferroadas e o lançamento de jatos de venenos ou de colas”. As constatações, enviadas por e-mail à IHU On-Line, adiantam aspectos que a pesquisadora apresenta nesta quinta-feira, 23-11-2006 no IHU Idéias intitulado Conhecendo os insetos sociais: cupins e formigas. A atividade está marcada para as 17h30min, na Sala 1G119 do IHU, com entrada franca. Diehl é graduada em História Natural pela Unisinos e mestre em Genética pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). cursou doutorado em Genética e Biologia Molecular pela mesma instituição com a tese Estrutura genética e social de *Acromyrmex heyeri* (Forel, 1899) e *A. striatus* (Roger, 1863) (Hymenoptera, Formicidae). Na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ), em Piracicaba, São Paulo, realizou seu pós-doutorado. No momento, coordena o projeto Biologia e diversidade de formigas e térmitas no Rio Grande do Sul, e até o final de 2006, conduz o projeto Efeito das inundações sobre as comunidades de formigas e de térmitas. É autora da obra Formigas: organização social e ecologia comportamental. São Leopoldo: Unisinos, 1995.*

Cupins e formigas são “eussociais”

ENTREVISTA COM ELENA DIEHL

IHU On-Line - Por que os cupins e formigas são considerados insetos sociais? O que os diferencia de outros insetos?

Elena Diehl - Os cupins e as formigas (juntamente com as abelhas e algumas vespas) são considerados insetos *eussociais* porque apresentam três características fundamentais: 1) vivem em colônias nas quais ocorre sobreposição de gerações; 2) os indivíduos mais velhos cuidam dos mais jovens (cuidados com a prole); 3) ocorre a divisão do trabalho reprodutivo, havendo uma casta responsável apenas pela reprodução e uma casta

assimilativa responsável pelas demais funções da colônia. Esta terceira característica é a que define especialmente a eussocialidade (socialidade verdadeira ou completa). Os demais insetos não apresentam estas características, podem viver em grupos anônimos (onde não há reconhecimento individual). Em geral, não constroem ninhos para proteger e cuidar da prole, e, exceto pelo comportamento de corte e cópula, são solitários.

IHU On-Line - Há diferenças entre o comportamento dos cupins e formigas? Quais?

Elena Diehl - Por serem dois grupos de insetos distintos, eles apresentam diferenças tanto morfológicas quanto comportamentais, mas as mais acentuadas estão relacionadas ao comportamento reprodutivo. Nos cupins e formigas, o vôo nupcial ocorre, especialmente, no final da primavera e no verão, no entardecer ou após as chuvas, quando fêmeas e machos alados, saem dos ninhos para a revoada e o acasalamento. Nas formigas, uma fêmea pode acasalar com diversos machos, mas um macho copula apenas com uma e depois morre. Depois de fecundada, a fêmea perde suas asas e começa a construir um novo ninho, no solo, em troncos caídos, em árvores, em baixo de pedras, etc. Os ovos fertilizados produzem fêmeas, enquanto os não-fertilizados produzem machos por partenogênese¹. No caso dos cupins, logo após o vôo nupcial, pares formados por machos e fêmeas constroem a câmara real, o que pode durar até três dias, e só depois de sua construção é que há a cópula. O casal real permanece junto por muitos anos, continuando o macho a inseminar a fêmea periodicamente. Além do casal reprodutivo, as colônias de cupins têm os chamados reprodutores de substituição, ou seja, indivíduos que diante da fragmentação da colônia e perda do casal real, ou quando ocorrer a morte apenas do rei ou da rainha, rapidamente sofrem modificações, tornando-se capazes de se reproduzirem. As colônias de formigas têm apenas a rainha (uma ou mais) e não há reprodutores de substituição como no caso dos cupins.

***IHU On-Line* - Como funciona uma sociedade de insetos sociais? Como ela se divide?**

Elena Diehl - Os insetos sociais caracterizam-se por apresentarem indivíduos com morfologia e/ou funções diferentes organizados em castas responsáveis pelo

¹ Partenogênese: refere-se ao crescimento e desenvolvimento de um embrião ou semente sem fertilização, isto é, por reprodução assexuada. (Nota da *IHU On-Line*)

perfeito funcionamento das suas colônias. As castas são a reprodutiva, composta pelo casal real apenas nos cupins ou pela rainha nas formigas, e a casta não-reprodutiva, que compreende os operários e os soldados. Todos os cupins possuem indivíduos de ambos os sexos, porém estes são estéreis ou imaturos sexualmente. Nas formigas, tanto os soldados como as operárias são do sexo feminino e, assim como no grupo anterior, geralmente, são estéreis. Nas formigas e nos cupins, o período juvenil de uma colônia caracteriza-se por seu crescimento exponencial com formação intensa de indivíduos das castas não-reprodutivas (soldados e operários). Nesta fase, o ninho também cresce exponencialmente. Dentre outros fatores, a taxa de crescimento dos ninhos destes dois grupos de insetos sociais está relacionada com o tamanho da colônia, tipo de solo e microclima, sendo, possivelmente nas fases iniciais, apenas subterrâneos. Durante o período adulto, que varia de acordo com a espécie, o crescimento da colônia e do ninho se estabiliza. Os alados (fêmeas e machos reprodutivos) são formados e liberados para formar novas colônias. As populações de soldados e de operários são estáveis. A mortalidade das colônias é menor do que na fase juvenil, e a sua expectativa de vida atinge seu pico máximo. O período adulto é uma fase reprodutiva estável durante a qual os recursos da colônia, bem como o potencial reprodutivo, do casal real no caso dos cupins, ou da rainha no caso das formigas, estão direcionados para a produção dos alados. A última fase é o período de senescência da colônia, e o ninho não aumenta mais em tamanho. A produção dos alados declina, e a população da colônia se reduz rapidamente à medida que a capacidade reprodutiva do casal real ou da rainha declina.

***IHU On-Line* - Como as perturbações ambientais influenciam nas comunidades desses insetos?**

Elena Diehl - Os invertebrados em geral são indicadores

sensíveis e precisos das condições ambientais e de suas variações. Dentre eles, os mais abundantes e bem-sucedidos animais terrestres, são os insetos que constituem grande parte da biomassa animal, apresentando grupos numericamente abundantes e de grande importância ecológica. Em muitas comunidades ecológicas animais, os cupins e, principalmente, as formigas são os insetos dominantes, exercendo uma grande variedade de funções. Estas são importantes como predadoras, carnívoras, dispersoras de sementes, além de apresentarem inúmeras interações mutualísticas com outros insetos e plantas. Juntamente com os cupins (principais decompositores da matéria orgânica), exercem importante papel na aeração do solo, na ciclagem de nutrientes e como redutores do processo de lixiviação. Por apresentarem alta diversidade, serem dominantes, tanto em número de indivíduos como em biomassa, ocorrerem em grande abundância em muitos *habitats*, serem sensíveis a alterações ambientais, além de fáceis de amostrar, diversos autores têm considerado estes dois grupos de insetos sociais como muito especiais e importantes nos estudos sobre biodiversidade e como indicadores das condições ambientais locais. As perturbações ambientais podem afetar os cupins e formigas diretamente ou indiretamente. Neste caso, por exemplo, o desmatamento altera a incidência solar sobre o solo, levando ao seu aquecimento e dificultando a sobrevivência de alguns grupos de cupins e/ou de formigas. Na ausência destes grupos, outros, até então ocorrendo em baixa densidade, poderão ter sua sobrevivência e reprodução favorecidas o que levará, possivelmente, a um aumento de suas populações. Com este incremento populacional, algumas espécies poderão atingir uma densidade extremamente elevada em detrimento de outras e inclusive chegar a um nível que cause danos econômicos. Ou seja, atingirão o status de praga. Outras alterações ambientais, tais como a urbanização, poderão facilitar a invasão e a colonização

dos ambientes por espécies não-nativas (exóticas) que rapidamente também atingirão o status de praga.

***IHU On-Line* - Poderia explicar o que seria o comportamento agonístico entre esses insetos? Quais são as suas manifestações?**

Elena Diehl - Comportamento agonístico significa comportamento agressivo entre indivíduos da mesma espécie que, em geral, estão competindo pelos mesmos recursos, seja para alimentação seja para construção do ninho. Entre as manifestações mais evidentes do comportamento agonístico, estão as mordidas, ferroadas e o lançamento de jatos de venenos ou de colas. No entanto, quando a relação envolve espécies ou grupos distintos, se tem o comportamento de predação, ou seja, uma espécie é a predadora e a outra é a presa. Por exemplo, diversas espécies de formigas são predadoras de cupins.

***IHU On-Line* - O que a sociedade humana pode aprender com a sociabilidade dos cupins e formigas? É possível traçar um paralelo entre ambas sociedades?**

Elena Diehl - Na minha opinião, o principal aprendizado é que os cupins e as formigas são seres vivos indispensáveis ao adequado funcionamento dos ecossistemas, sendo importante saber “ler e entender” o que estes insetos nos informam sobre o ambiente em que estão. Ou seja, a mirmecofauna (fauna de formigas) e a termitofauna (fauna de cupins) refletem a biodiversidade local, mudanças na sua composição e a abundância que podem nos revelar, rapidamente, a ocorrência de alterações ambientais importantes. Não é possível traçar paralelos entre insetos sociais e espécie humana, pois são grupos totalmente distintos, que não tiveram uma origem e evolução em comum.

***IHU On-Line* - Entre as formigas e cupins, os insetos já nascem “predestinados” a exercer uma função? Essa**

função pode mudar ao longo de sua vida?

Elena Diehl - Algumas espécies apresentam polimorfismo, isto é, os indivíduos estéreis (soldados e operários) da colônia apresentam formas e/ou tamanhos diferentes, cada um relacionado com a execução de uma determinada função, como defesa, escavação, forrageamento, cuidados com as formas imaturas (ovos, larvas e pupas). Em outras espécies, os indivíduos

executam atividades distintas de acordo com a idade, o que é chamado polietismo etário. Assim, indivíduos jovens ficam restritos às atividades dentro do ninho. Posteriormente passam a executar funções externas e, à medida que ficam mais velhos voltam a realizar atividades no interior dos ninhos. Neste caso, fica clara a existência de um aprendizado.

Sobre ensaios clínicos em países de terceiro mundo

CINEMA E SAÚDE COLETIVA - O JARDINEIRO FIEL

No último dia do ciclo Cinema e Saúde Coletiva o filme que servirá de pano de fundo é o fabuloso O Jardineiro Fiel (2005), de Fernando Meirelles. É o 1º filme em língua inglesa dirigido por Fernando Meirelles de Cidade de Deus (2002). Uma ativista (Rachel Weisz, Oscar de melhor atriz coadjuvante) é encontrada assassinada em uma área remota do Quênia. O principal suspeito do crime é seu sócio, um médico que se encontra atualmente foragido. Perturbado pelas infidelidades da esposa, Justin Quayle (Ralph Fiennes) decide partir para descobrir o que realmente aconteceu com sua esposa, iniciando uma viagem que o levará por três continentes. No filme, há uma forte crítica à indústria farmacêutica. O evento acontecerá no dia 21 de novembro na Sala 1G119. O palestrante será José Roberto Goldim do Hospital de Clínicas de Porto Alegre - HCPA. Sobre a temática do evento, Goldim concedeu uma entrevista por e-mail à IHU On-Line.

A saúde como um negócio

ENTREVISTA COM JOSÉ ROBERTO GOLDIM

IHU On-Line - Considerando o filme de Meirelles, como o senhor vê a atuação da indústria farmacêutica no terceiro mundo?

José Roberto Goldim - Eu não generalizaria a questão para todas as indústrias farmacêuticas. Existem sempre as instituições que trabalham bem e outras mal. Algumas atuam de modo muito inadequado em todo o mundo,

especialmente na África onde a vulnerabilidade das populações é muito grande.

IHU On-Line - Quais as questões acerca da saúde que podemos levantar segundo o filme O Jardineiro Fiel¹?

¹ O jardineiro fiel: filme brasileiro de suspense, de 2005, dirigido por Fernando Meirelles. A produção foi tema da editoria *Filme da Semana*

José Roberto Goldim - A principal é a fragilidade do sistema mundial em auxiliar populações muito pobres e vulneráveis. Várias outras podem ser levantadas como o abuso desta situação não só por empresas, mas por governos, organizações não-governamentais, profissionais e outros grupos. Uma questão fundamental é reconhecer que para muitas pessoas a saúde é uma oportunidade de negócio e não uma questão humanitária.

IHU On-Line - A que o senhor atribui tamanho descaso com a saúde pública brasileira? Quais são os maiores desafios do governo nesta questão?

José Roberto Goldim - Eu discordo que haja um "tamanho descaso" com a saúde brasileira. O Brasil possui um dos melhores sistemas de saúde pública do mundo na atualidade. Poucos países têm oferecido à possibilidade de tratamento que temos no Brasil. Basta ver a questão dos programas de AIDS e de transplantes. O grande problema é a resolutividade na ponta do sistema, isto é, no atendimento primário realizado nos postos de saúde.

IHU On-Line - Como a saúde retratada no cinema pode ajudar ou influenciar a humanidade?

José Roberto Goldim - O filme fez uma denúncia muito contundente sobre o abuso de populações. O problema é

da edição 163 da *IHU On-Line*, de 07-11-2005. Confira o material no site do IHU, www.unisinos.br/ihu. (Nota da *IHU On-Line*)

que, muitas vezes, a repercussão é grande, porém passageira. A espetacularização dos noticiários e da própria vida tem amortecido o impacto e feito com que grandes causas tenham sido esquecidas logo após terem causado grande comoção. A instantaneidade do mundo contemporâneo reduziu a capacidade das pessoas se indignarem com a injustiça, que para ser conseqüente necessita de tempo de reflexão.

IHU On-Line - Se o senhor pudesse resolver um dos problemas da saúde pública brasileira qual seria?

José Roberto Goldim - Articulação e regionalização das instituições de saúde, com hierarquização dos atendimentos por níveis de complexidade. Isso daria credibilidade para população.

IHU On-Line - Qual seria um projeto clínico ideal para o Brasil?

José Roberto Goldim - O projeto de pesquisa clínica ideal para o Brasil é aquele que tem adequação ética e metodológica, que seja capaz de ser efetivamente realizado e que aborde uma questão relevante para a comunidade.

Cinematógrafo das Letras

V CICLO DE ESTUDOS SOBRE O BRASIL: INTÉRPRETES DO BRASIL - ESTADO E SOCIEDADE

No dia 21 de novembro, o V Ciclo de Estudos sobre o Brasil trará a professora de história da Unisinos, Eloísa Capovilla Ramos, abordando a obra Cinematógrafo das Letras, de Flora Süssekind (Sussekind, Flora 1987 Cinematógrafo das letras. São Paulo, Companhia das Letras).

O Cinematógrafo de Letras analisa as relações entre o período literário imediatamente anterior ao modernismo e o novo horizonte técnico que então se configurava no Brasil. Essa obra demonstra a forma pela qual as inovações marcaram a sensibilidade e o cotidiano de autores e leitores e afetaram as formas e técnicas literárias. O evento acontece na sala 1G119, às 19h30min.

Comunicação na fase da multiplicidade da oferta

SALA DE LEITURA

*O próximo Sala de Leitura, marcado para 27-11-2006, traz o professor do Programa de Pós-Graduação da Unisinos, Valério Cruz Brittos, apresentando o livro **Comunicação na fase da multiplicidade da oferta**. Porto Alegre: Nova Prova, 2006, por ele organizado. Anote e participe: o evento acontece na Sala 1G119, das 17h30min às 19h, com entrada franca. Brittos concedeu uma breve entrevista por e-mail à IHU On-Line. Brittos é graduado em Jornalismo e Direito pela Universidade Católica de Pelotas (UCPEL) e especialista em Ciência Política pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). É mestre em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e doutor em Comunicação e Cultura Contemporânea pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), com a tese **Capitalismo contemporâneo, mercado brasileiro de televisão por assinatura e expansão**. Atualmente, pesquisa sobre televisão, mercado e sociedade: **televisão e política pública no Governo Lula**. É editor do periódico acadêmico **Eptic On line-Revista Electrónica Internacional de Economía Política de las Tecnologías de la Información y de la Comunicación** (www.eptic.com.br) e presidente do Capítulo Brasil da Unión Latina de Economía Política de la Información, la Comunicación y la Cultura (ULEPICC-BR). De sua produção bibliográfica, destacamos **Recepção e TV a cabo: a força da cultura local**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001, **Comunicação, informação e espaço público: exclusão no mundo globalizado**. Rio de Janeiro: Papel & Virtual, 2002, por ele organizado, e **Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia**. São Paulo: Paulus, 2005, organizado em parceria com o pesquisador César Ricardo Siqueira Bolaño. Valério apresentou o primeiro livro citado no evento Sala de Leitura, do IHU, em 20-06-2005, sobre o qual escreveu um artigo, publicado na edição 146 da revista IHU On-Line, dessa mesma data. Ele apresentou também o IHU Idéias de 30-10-2003, com o tema **Produção regulamentação: as barreiras da televisão**. Sobre ele, concedeu a entrevista **TV digital mais governo Lula pode resultar em democratização**, publicada na 81ª edição do IHU On-Line, de 27-10-2004. Em 18-11-2005 apresentou o livro **Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia**, organizado por Valério, Othon Jambeiro e Álvaro Benevenuto Jr.*

O fazer comunicação

ENTREVISTA COM VALÉRIO CRUZ BRITTOS

IHU On-Line - Qual a principal idéia do livro *Comunicação da fase da multiplicidade da oferta*?

Quais os desafios que a obra propõe?

Valério Cruz Brittos - A idéia central do livro é a denominada Fase da Multiplicidade da Oferta da comunicação contemporânea, ou seja, um período histórico específico, em que há uma ampliação acelerada da quantidade de bens simbólicos, colocada à disposição do consumidor. Trata-se de uma noção que desenvolve inicialmente para trabalhar a televisão brasileira e, neste segundo momento, estamos todos enfrentando o desafio de pensarmos como se trata de um processo verificado em cada uma das mídias. Nos diversos capítulos, são debatidas especificidades desta Fase da Multiplicidade da Oferta. Isso passa pela proposição de que uma série de elementos caracteriza o fazer comunicação, distinguindo-o de outros momentos anteriores. Cabe destacar que é uma ampliação essencialmente mercadológica, ou seja, organizações midiáticas estruturadas conforme a racionalidade capitalista, que desenvolvem e distribuem produtos segundo as lógicas de mercado, o que não impede a presença de experiências alternativas.

IHU On-Line - Quais são as ofertas a que o senhor se refere?

Valério Cruz Brittos - As ofertas referidas são de produtos midiáticos à disposição do consumidor. São de programas de TV, de rádio, de espaços jornalísticos generalizados, de filmes, de música em geral, de sítios na internet, de jogos e muito mais. Com isso, há um acirramento da disputa intramídia, dentro de cada meio, mas também intermídia, pois, num dado momento, televisão, cinema e internet, por exemplo, estão todos competindo pela atenção do receptor. Em boa medida, são ofertas pagas diretamente, não obstante o financiamento via publicidade esteja muito presente, notadamente quanto aos conteúdos ligados ao entretenimento fácil. Essa dinâmica tem aumentado o fosso entre os que têm acesso à informação e os que não dispõem dela. Nota-se o fenômeno do pagamento direto especialmente no que se refere à informação diferenciada, ganhando evidência maior relativamente à relevante. Não se pode descolar essas manifestações da reconfiguração capitalista e da implantação das políticas neoliberais, ligando-se aos movimentos de segmentação da produção e pulverização do consumo, insegurança urbana, crise do Estado e revalorização do papel do sujeito.

Sala de Leitura

Estou lendo Implantando a *Governança de tecnologia de informação* (TI), livro escrito por Aguinaldo Aragon Fernandes e Vladimir Ferraz de Abreu (São Paulo: Brasport, 2006). O livro de cunho técnico apresenta de maneira didática uma análise da Governança de TI com seus objetivos e componentes. A obra contempla as regulamentações que influenciam as pesquisas no tema bem como os modelos de governança de TI como COBIT, CMMI, PMBOK, PRINCE2, ITIL, Seis Sigma, Segurança de Informação e tão badalado BSC. Além dos modelos também os autores abordam sucintamente o alinhamento estratégico de TI. É uma publicação rápida de ser lida cujo tópico que destaco é a contextualização do próprio modelo de governança de TI que os autores apresentam. A obra por fim é limitada em aspectos críticos, mas adequada e atual para sua ampliação e discussão.

Prof. Dr. Adolfo Alberto Vanti, da Unidade Acadêmica de Ciências Exatas da Unisinos

Memória de Minhas Putas Tristes, de Gabriel García Márquez (São Paulo: Record, 2005) é uma jóia narrativa. Lançado em espanhol no final de 2004, o romance chega ao Brasil em 2005 com uma boa tradução de Eric Nepomuceno. A novela conta a história de um velho jornalista que decide comemorar seus noventa anos com uma noite de amor com uma jovem virgem, García Márquez constrói uma historia de amor sem iguais, sem idade, sem preconceitos, sem tempo, sem poder tirar a atenção dela por uns instantes, algo que nos prende, deixando-nos sem fôlego na leitura ao igual que o velho jornalista de noventa anos nas lides do amor. Um livro de fácil leitura em que encontraremos a magia do Prêmio Nobel de Literatura de 1982.

Prof. Dr. Carlos del Castillo Alonso, do Instituto de Línguas da Unisinos

IHU Repórter

Ramona Schiller Barcellos

Gaúcha com o pé no mundo, assim é Ramona Schiller Barcellos, funcionária do setor de Administração de Pessoal. De uma família grande espalhada pelo País, sonha em morar na Europa. Na Unisinos, descobriu o Jornalismo e também um lugar ótimo para trabalhar. Ramona falou de sua paixão por sua família, do apego aos amigos e dos planos para o futuro. Conheça um pouco mais da funcionária e aluna Ramona Barcellos na entrevista a seguir que concedeu à IHU On-Line.



Princípio - Minha mãe é de Santa Rosa e meu pai de Erechim. Eles estudavam na Unisinos, moravam com amigos ou em casas de estudante. Conheceram-se numa festa e em poucos meses casaram. Eu nasci em Santa Rosa, pois estavam em férias, visitando a família. Hoje os dois trabalham em Porto Alegre, mas não pensam em sair de São Leopoldo.

Família - Tenho duas irmãs mais novas, a Geórgia, de 13 anos, e a Daniela, de 19. Moramos todos juntos, com meus pais, aqui sem São Leopoldo. Minha família é grande, e está espalhada pelo país. Tenho parentes em Rondônia, Belém, Bahia, Paraná, Tocantins e Portugal.

Pais - Meu pai é jornalista, e minha mãe, nutricionista. Ambos formados pela Unisinos.

Infância - Morávamos em apartamento até os meus sete anos. E minha mãe tinha a preocupação de me levar todo dia para brincar na pracinha, mesmo chegando cansada do trabalho. Sempre tive um bom relacionamento com as minhas irmãs, mas com as briguinhas normais que sempre acontecem. E hoje sinto saudades dos tempos que passávamos juntas.

Viagens - Viajei muito com a família, até porque os parentes moram longe. Mas lembro de uma em especial que fiz com meu

pai quando eu era bem pequena. Fomos de ônibus até Rondônia para visitar os tios e primos. A viagem era cansativa, de vários dias, mas eu era pequena e pra mim tudo era festa!

Estudos - Fiz o Ensino Fundamental e Médio no Colégio Sinodal. Quando me formei, prestei vestibular na UFRGS para Jornalismo, mas não passei. Não sei bem porque acabei cursando Arquitetura, talvez por influência de amigos.

Mudanças - Quando estava no terceiro ano de arquitetura, terminando o semestre, acabei desistindo do curso. Já estava em um nível avançado, eu precisava decidir qual rumo tomar, mas não estava feliz e não me via projetando. Eu não tinha largado aquela idéia de fazer Jornalismo, então criei coragem e troquei. Foi complicado, meus pais tiveram um choque muito grande. Havíamos feito um investimento grande de dinheiro e tempo na Arquitetura, e até fazia estágio na área. Minha mãe me incentivou a terminar, mas não adiantava, pois o curso não era para mim. Se não é o que queremos fica difícil continuar. Mas tudo vale como experiência.

Trabalho - Meu primeiro estágio foi em uma empresa de revestimentos em São Leopoldo, trabalhando com projetos. A

experiência seguinte foi como temporária na Unisinos, no setor Financeiro. Depois da troca de curso, fiz meu primeiro estágio de Jornalismo no Sindicato dos Jornalistas, em São Leopoldo. Nessa época, participei da organização do Seminário Estadual de Jornalismo, que ocorreu em Nova Hamburgo. No outro ano, voltei para Unisinos, novamente como temporária no Financeiro. Na mesma época, abriu uma vaga no RH, onde fui efetivada e onde trabalho até hoje. E tudo aconteceu da melhor maneira possível, pois eu precisava ajudar a pagar minha faculdade, sentia-me na responsabilidade de ajudar meus pais com os gastos.

Futuro - Vou viajar nas férias para os Estados Unidos onde vou cursar inglês durante quatro semanas. Mas a minha vontade mesmo é de morar na Europa, e a cidadania italiana facilitará bastante. O Brasil encontra-se em uma situação complicada, e vejo que lá fora as pessoas vivem uma outra realidade, com uma qualidade de vida que não temos aqui. Mas quero me formar primeiro antes de botar o pé na estrada.

Horas Livres - Adoro ir ao cinema, ouvir música, assistir shows, sair com os amigos, passear na Redenção. E me considero uma pessoa bem caseira.

Amigos - Tenho muitos amigos e adoro estar com eles! Temos um grupo de amigos que é muito unido, todo final de semana nos reunimos na casa de um para alguma programação: janta, churrasco, chimarrão, assistir a filmes e até jogos de mímica e tabuleiro. Divertimo-nos e rimos muito! E toda semana dou um jeito de reunir, depois da aula, as amigas aqui da faculdade.

Lembrança Marcante - O show que fui do Coldplay em São Paulo foi um dos momentos mais empolgantes e foi de improviso. Um amigo comprou o ingresso e ia de avião. Eu não tinha dinheiro, mas vi que a Rádio Ipanema estava organizando uma excursão de ônibus para a apresentação. Só tinha mais uma vaga e fui sozinha, sem conhecer ninguém. Mas foi perfeito,

acabei encontrando meu amigo lá e conhecemos muita gente legal.

Coral - Quando tinha oito anos, meu pai me levou para assistir a um ensaio do Coral da Unisinos e me convidaram para começar a participar. No outro dia, já tinha uma apresentação, mas eu nunca tinha ensaiado, então fiquei parada, com todos cantando na minha volta! Acabei cantando até os 16 anos, e mais tarde retornei e participei do coral adulto. Acabei saindo por falta de tempo. Mas tenho lembranças maravilhosas daqueles anos, conheci alguns dos meus melhores amigos lá, e sempre que posso assisto às apresentações.

Filme - Adoro e assisto a muitos filmes. E eu gostei bastante de *O Fabuloso Destino de Amélie Poulain*, *21 Gramas*, *Peixe Grande*, *Dogville*. O documentário *Crianças Invisíveis* também é muito bom e adoro os filmes do Almodóvar.

Música - Adoro música! Cresci ouvindo Supertramp, Rick Wakeman, Pink Floyd, herdei do meu pai muito conhecimento musical. Adoro bandas dos anos 1980 e todas que têm a década como referência, como The Cure, Smiths, Echo & The Bunnymen, Strokes. Dos brasileiros, admiro bastante o Humberto Gessinger, gosto de Zeca Baleiro e de Mutantes. Até o namorado não pode fugir: toca bateria numa banda de pop rock. E assisto a shows sempre que posso. Fui a São Paulo ver o Coldplay e U2.

Livro - *As Brumas de Avalon*, quadrilogia da Marion Zimmer Bradley.

Política - Votei nessa última eleição superdesanimada. Fiquei decepcionada com o fato de não poder votar consciente em um candidato que eu acreditasse que pudesse tocar para a frente e reerguer o País, depois de tanta vergonha que senti nesses últimos tempos. A

situação política do Brasil é uma das coisas que mais me entristece, que me faz querer ir embora.

Unisinos - Tenho um carinho muito grande pela Unisinos. Convivo com a Universidade desde pequena, tanto o campus como a antiga sede. A Unisinos é um lugar fantástico para se trabalhar e estudar. Mas os problemas estão por toda parte, vai de enxergarmos mais pelo lado positivo (que é muito maior que o negativo) e deixar que isso sirva de incentivo para fazermos mais e ajudarmos de alguma forma. Tenho um colega que já estudou na Europa e em diversos lugares do Brasil, mas que acha a Unisinos a melhor universidade que ele já conheceu.

Instituto Humanitas Unisinos - Gosto muito da proposta do Instituto. O foco de comunicação, de discussão que o Humanitas desenvolve é muito importante. É essencial ter esse espaço que levanta tantas questões na Unisinos.